

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LÚCIO GELLER JUNIOR

**OS TREMORES DA QUEDA: MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE ANNA
SAVITSKAIA, DAS REFORMAS À DISSOLUÇÃO DA URSS (1985 - 1992)**

Porto Alegre

2018

LÚCIO GELLER JUNIOR

**OS TREMORES DA QUEDA: MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE ANNA
SAVITSKAIA, DAS REFORMAS À DISSOLUÇÃO DA URSS (1985 - 1992)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Brandalise

Porto Alegre

2018

LÚCIO GELLER JUNIOR

**OS TREMORES DA QUEDA: MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE ANNA
SAVITSKAIA, DAS REFORMAS À DISSOLUÇÃO DA URSS (1985 - 1992)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em
História, pelo curso de História da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 20 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Carla Brandalise (orientadora)

Profª Drª Mariluci Cardoso de Vargas

Profª Mª Iamara Silva Andrade

Porto Alegre
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Geller Junior, Lúcio
Os tremores da queda: memória e trajetória de Anna
Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS
(1985-1992) / Lúcio Geller Junior. -- 2018.
88 f.
Orientadora: Carla Brandalise.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Memória. 2. Trajetória. 3. História Oral. 4.
História do Tempo Presente. 5. URSS. I. Brandalise,
Carla, orient. II. Título.

... abri muitos livros, mas nenhum argumento econômico, nenhuma demonstração
lúcida da lógica e da inevitabilidade do socialismo me afeta tão profundamente e tão
convincentemente como o dia em que vi pela primeira vez os muros do abismo social se
erguerem à minha volta e me senti escorregando, escorregando...

Jack London

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.

Leon Tolstoi

Constante irmã da desventura,
logo a esperança propicia
júbilo e ardor na fuma escura;
há de chegar o ansiado dia.

Aleksander Púchkin

AGRADECIMENTOS

Depois de concluir a escrita deste trabalho me sento agora para refletir – fazer um balanço – sobre este longo processo. A primeira coisa que me vem a mente é a dificuldade que tenho em fazer uma síntese. Vou colocar a culpa no Perry Anderson e no Hobsbawm que não me ensinaram a escrever pouco, o que se pode perceber por este trabalho mesmo. Por outro lado, não conseguir ser sintético em agradecimentos é algo que me deixa muito feliz. Sinal de que não estive sozinho e que muitas pessoas estiveram ao meu lado, logo sou grato a todas elas.

Sublinho também que a conclusão deste trabalho expressa a realização de uma pesquisa acadêmica e as considerações “finais” de minha própria trajetória, ao longo destes anos de graduação. No entanto, vamos chamá-las apenas de considerações, pois de forma alguma toda esta experiência pode ser considerada como um fim em si mesmo. Muito pelo contrário! Esses anos foram essências tanto para a minha formação acadêmica quanto para a minha vida – e este último ponto é talvez o mais expressivo. Ao mesmo tempo em que me vi rodeado de medos e angustias também passei pelos momentos mais felizes e divertidos da minha vida – até agora né pessoal. No sentido físico, mudei de vida, sai de minha cidade no interior do estado e vim morar sozinho na “cidade grande” – roteiro clássico de novela das seis que se passa na passagem do século XIX para o XX. Na sequência, conheci pessoas novas, fiz amizades... Mas vamos parando por aí.

Esta seria uma visão muito linear da minha trajetória, cheirando a século XIX, e para quem pesquisou sobre trajetórias de vida levaria uns cascudos do Bourdieu. Portanto, vamos falar do multifacetado, do diverso, do contrário, ou seja, das ideias, das mudanças de pensamento e dos embates e contradições que me fizeram crescer e aprender. A buscar outros ângulos, a sentir, a se comover, discutir... Se movimentar, porque água parada estraga e nosso corpo é 70% líquido. Neste sentido, a convivência e o trabalho coletivo foram fundamentais nesta jornada e nesta movimentação, e não tenho como não agradecer de coração as pessoas que me acompanharam.

Agradeço primeiramente à Anna Savitskaia, não apenas por ter sido a grande fonte deste trabalho, mas também pela paciência e interesse em compartilhar as suas histórias e, sem dúvida, a sua gentileza e inspiração. Agradeço à professora Carla Brandalise, tanto pelas suas aulas de História Contemporânea quanto pela orientação deste trabalho, além de sua paciência, compreensão e auxílio. Agradeço à professora Regina Weber pelas aulas de História Moderna, que me abriram um horizonte em uma época de incertezas no curso, além dos nossos encontros mensais no curto, porém enriquecedor, grupo de discussões sobre a

origem do capitalismo. Agradeço à professora Sílvia Petersen pelas aulas de Teoria e Metodologia da História, que demonstraram o valor do conhecimento histórico e da compreensão de seus processos.

Quem também não poderia ficar de fora é o Cesar Augusto, não o de Roma, mas de *Nuestra America*. O professor Guazzelli, com suas aulas irreverentes e musicadas de História da América e Cultura Latino-americana, que me nutriram um novo gosto musical e literário, e que tive o prazer de compartilhar alguns cafés no Bar do Antônio ou no “Chics” e ouvir os seus *causos*. Agradeço aos professores Enrique Padrós e Luiz Dario pela perspectiva da história enquanto um instrumento importante para a compreensão da realidade, dentre as suas complexidades e articulações. Agradeço ao professor José Rivair pelas aulas de História das Antigas Sociedades Africanas, bem como a sua ação, dedicação e comprometimento que me foram fundamentais ao longo destes anos.

Agradeço ao professor Fernando Seffner, que também tive o prazer de compartilhar alguns cafés e conversas, pela orientação nos estágios de ensino e que é uma inspiração como profissional. Agradeço aos alunos da Escola Leopolda Barnewitz, do Colégio Inácio Montanha e da Escola Santa Luzia, pela colaboração, carinho, paciência e, sobretudo, pela experiência didática. Agradeço também à professora Carla de Moura da Santa Luzia pela orientação, dedicação e, sobretudo, pelo exemplo que é como professora.

Aos amigos que estiveram junto comigo ao logo destes anos também deixo o meu forte abraço e agradecimento, seja pelo companheirismo na faculdade ou fora dela. Obrigado pelas deliciosas risadas, pelas vergonhas em público, pelas “besteiras” e pelas longas conversas nos RU’s da vida. Obrigado por ter um ombro amigo e também por poder ser um. Obrigado por podermos rir e chorar juntos. Obrigado por permanecermos de mãos dadas. Agradeço primeiramente às “Júlias” – como diria o Guazzelli. Obrigado Júlia Klassmann e Júlia Jacobini por serem as melhores amigas que tive nestes anos e as melhores vizinhas da Cidade Baixa. Obrigado por estarem do meu lado quando precisei e por poder compartilhar com vocês momentos maravilhosos. Agradeço à Paula Ribeiro e Julien Mello, colegas de estágio e amigas da terceira idade como eu. Agradeço à Bruna Mattos, Bruna Moreira, Marcelli, Marina e ao Czar Nicolau II, também conhecido como Yuri Leonardo, pela amizade e os bons momentos.

Agradeço à minha professora de história dos tempos do IFSul, Angelita da Rosa, pela sua dedicação e incentivo pelo caminho da História e aos amigos e amigas da primeira turma do curso de informática, especialmente a Maria Tereza (Tetê), conterrânea da cidade do chimarrão que assim como eu trocou as exatas pelas humanas. Por fim, é claro, os

responsáveis pela minha chegada até aqui: a minha família. Agradeço aos meus queridos e amados pais, Simone Geller e Lúcio Geller. Minha tia Cristine Geller e meus avós: Clari Geller e Ervino Geller (*in memorian*) e Elsa Schust e Arnildo Schust (*in memorian*). A vocês o meu amor e gratidão.

RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória de vida de Anna Savitskaia, nascida na URSS, atual localidade da Ucrânia, que vivenciou o dia a dia do país até sua dissolução em dezembro de 1991. Após a sua queda, em menos de um ano, Anna, acompanhada de seu marido Oleg Savitskii, deixou a agora ex-URSS e migrou para o Brasil em 1992, onde até hoje vive em Porto Alegre (RS). Assim, valendo-se de sua trajetória, busca-se observar suas memórias em relação a este período de turbulências da história soviética – das reformas a dissolução. Analisando estas memórias, que Anna construiu para si em relação a este período, ou mesmo, quais elementos tornaram-se significativos neste processo de construção da memória, bem como a sua reavaliação. Tomando-a enquanto um sujeito na sua historicidade, dentro de um campo de tensões, contradições e possibilidades (ou impossibilidades). Não obstante, a escolha da história oral para reconstituir a história do tempo presente é reivindicada tendo em vista a adequação desse método aos nossos questionamentos e problemáticas.

Palavras-chave: Memória. Trajetória. História Oral. História do Tempo Presente. Migração. URSS.

ABSTRACT

The present paper analyzes the life trajectory of Anna Savitskaia, born in the USSR, current locality of Ukraine, lived the day to Day of the country until its dissolution in December of 1991. After her fall, in less than a year, Anna, accompanied by her husband Oleg Savitskii, left the now ex-USSR and migrated to Brazil in 1992, where he still lives in Porto Alegre (RS). Thus, using its trajectory, it is sought to observe its memories in relation to this period of turbulences of the Soviet history – of the reforms the dissolution. Analyzing these memories, which Anna built for herself in relation to this period, or even, what elements have become significant in this process of memory building, as well as its re-evaluation. Taking it as a subject in its historicity, within a Field of tensions, contradictions and possibilities (or impossibilities). Nevertheless, the choice of oral history to reconstitute the history of the present time is claimed in view of the adequacy of this method to our questions and problems.

Keywords: Memory. Trajectory. Oral History. History of Present Time. Migration. USSR.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. ANNA SAVITSKAIA: A FILHA REVOLUCIONÁRIA	24
1.1 A GRANDE GUERRA PATRIÓTICA: MEMÓRIA “POR TABELA” (OU UMA GEOPOLÍTICA DA MEMÓRIA).....	27
1.2 A VIDA EM KIEV: HISTÓRIA E COTIDIANIDADE	33
CAPÍTULO 2. “... E PELAS TANTAS FICAMOS SEM PAÍS”: AS TURBULÊNCIAS DO PROCESSO DE DISSOLUÇÃO DA URSS	44
2. 1. VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA (OU A GUERRA FRIA E A VISÃO DO OUTRO)	46
2.2. <i>GLASNOST</i> E <i>PERESTROIKA</i> : O PRESENTE COMO CONTINUIDADE.....	54
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

Depois de 28 anos de existência o *Muro de Berlim* começou a ser derrubado em novembro de 1989, sua queda também foi acompanhada pelo desmoronamento dos regimes socialistas do leste europeu que integravam o bloco soviético. Anos antes, em março de 1985, Mikhail Gorbachev assumia o cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), sucedendo Konstantin Tchernenko, e, lançando as políticas reformistas: *Glasnost* (transparência) e *Perestroika* (reestruturação). Em um momento histórico marcado por múltiplas mudanças na configuração política, econômica e social da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) sua dissolução era anunciada em dezembro de 1991.

Ao fim e ao cabo o que se pode observar é um período de turbulências, em que muitos elementos são tomados como aspectos desencadeadores da dissolução da URSS, tais como as reformas de Gorbachev, a Guerra Fria, ou ainda, a própria queda do bloco soviético. Contudo, o tempo histórico se caracteriza não só pelas rupturas (se crises, “quedas”, reformas, forem tomadas enquanto tal), mas também pelas permanências de aspectos do passado, ou seja, elementos de continuidade, mesmo que sutis. Neste sentido, um campo fértil e aberto em meio a estes elementos é a análise das trajetórias de vida, em que se observam os acontecimentos, ou aspectos, que, de certa forma, “marcaram” ou que estão presentes nas memórias dos sujeitos no tempo presente, e que portanto emergem como elementos da dissolução da URSS.

Neste trabalho acompanharemos a trajetória de vida de Anna Savitskaia, nascida na URSS, atual localidade da Ucrânia, que vivenciou o dia a dia do país até sua dissolução em 1991. Processo que a levou, junto com seu marido Oleg Savitskii, a deixar a ex-URSS em menos de um ano, chegando ao Brasil em 1992 – residentes em Porto Alegre (RS) desde então. Anna viveu grande parte da sua vida na cidade de Kiev, capital da Ucrânia, onde cursou Línguas Romano-Germânicas no Instituto de Linguística de Kiev, recebendo, além da diplomação, a patente de tradutora militar. Em Porto Alegre, juntamente com Oleg, trabalha atualmente com aulas particulares de língua inglesa e russa, além do trabalho de tradutora.

Cabe fazer aqui um breve parêntese de como conhecemos a nossa personagem. Nosso primeiro contato com Anna se deu muito antes de qualquer intuito de realizarmos nossa pesquisa. Alguns fragmentos de histórias da sua vida foram escutados pela primeira vez na posição de ouvinte de auditório, em um evento temático do centenário da Revolução Russa, intitulado *As Mulheres na Revolução Russa*, realizado no dia 11 de novembro de 2017 no Sindicato dos Municípios de Porto Alegre (SIMPA). Neste evento Anna foi convidada para

debater sobre o papel das mulheres no processo revolucionário, bem como as teóricas russas do marxismo, como Alexandra Kollontai por exemplo. Anna nos ofereceu não apenas uma instigante discussão teórica, mas uma fala articulada com as suas experiências de vida na URSS. Por conseguinte, inspirados pelo evento, no final do mês de novembro, dia 30, resolvemos realizar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre os estudantes de vários cursos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), a aula pública *A Revolução Russa e a Experiência Soviética*. Evento que contou com a participação de Anna e de seu marido Oleg e do professor de História Contemporânea Luiz Dario Teixeira Ribeiro (UFRGS), com o objetivo de debater aspectos culturais com relatos de vivência e o dia a dia da URSS.

Tanto antes quanto depois da organização deste evento, nos aproximamos do casal, principalmente dos relatos de Anna. Embora o ano de 2017 tenha marcado o centenário da ruptura revolucionária soviética, resolvemos nos remeter aos tremores de sua queda, pois foi em meio aos “escombros e a poeira” de sua dissolução que o casal partiu para um novo destino, o Brasil. As marcas e as fissuras deixadas por este processo em suas memórias estiveram presentes nas suas falas durante ambos os eventos, com diferentes intensidades. Aspecto que nos fez refletir sobre a análise das trajetórias de vida, principalmente dos sujeitos que interromperam a continuidade do seu modo de vida em função de um deslocamento, que neste caso foi fruto do colapso de sua sociedade.

Não obstante, dada a condição de deslocamento de ambos, resolvemos ressaltar a análise em relação a aqueles que podem, muitas vezes, ficar a margem das análises históricas. Neste caso, os sujeitos que, assim como Anna, se deslocaram do seu país de origem em função dos mais variados motivos (políticos, sociais, econômicos, nacionais, ideológicos). Sujeitos que, em grande medida, mudaram a lógica e o ritmo de suas vidas, o que pode gerar diversos traumas e perturbações, em diferentes formas e diversos graus. De certa forma, este trabalho também constituiu um movimento de aproximação com os relatos de Anna desde o final do ano de 2017, os tomando assim como fontes para uma análise histórica. Pensando nestas questões nos pareceu apropriado, depois de realizarmos entrevistas de História Oral, o jogo de palavras “Histórias (co) movedoras” do historiador australiano Alistair Thomson, que joga com a relação da História Oral da migração e seu aspecto de movimento. Como afirma Thomson, estas histórias orais têm como foco a experiência física do movimento entre

lugares, contém a emoção da separação e são profundamente comovedoras para narrador e ouvinte, ao mesmo tempo em que estão constantemente evoluindo e se movimentando.¹

No entanto, não nos centramos na experiência migratória de Anna em Porto Alegre, os caminhos e descaminhos em seu novo país, e sim na sua trajetória em meio à dissolução da URSS. Mas, colocar a experiência migratória no horizonte desta análise é fundamental, sobretudo, pela sua relação com o tempo presente. Segundo Thomson, às “lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do ‘eu’ ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas”.² Em outras palavras, a reconstrução de uma vida pela memória é realizada no tempo presente, e, quando for o caso, é atravessada pela experiência migratória.

Por outro lado, embora o período de análise da sua trajetória corresponda justamente às décadas finais da URSS (1985-1991) até seu deslocamento em 1992, a memória pode tecer laços com o passado que não necessariamente tenham um “começo” no arco temporal de interesse estipulado por aquele que pesquisa. Assim, para chegar até uma determinada memória, muitos laços de sentido com um passado anterior ao desejado podem ser construídos por aquele que conta. Não obstante, estes laços são essências, e muitas vezes acabam por se repetir por mais de uma vez por quem os tece, neste caso, a nossa própria testemunha. Convém sublinhar assim que muitos acontecimentos contados podem acabar extrapolando o nosso período de análise – o que de fato aconteceu – mas que dentro de uma lógica particular da memória merecem ser historicizados, principalmente o “por que” destes “recuos”, e a necessidade de fazê-los.

Em sua trajetória buscamos observar suas memórias em relação a este período de turbulências. Assim, se analisam estas memórias, que foram construídas “para si” em relação a este período, ou mesmo, quais elementos tornaram-se significativos neste processo de construção da memória. Entendendo esta que nos conta na sua historicidade, dentro de um campo de tensões, contradições e possibilidades (ou impossibilidades). Outros problemas a serem analisados que também podem se apresentar são: Como, através dos relatos de sua trajetória, a partir das experiências vivenciadas, ela chegou até estas memórias sobre a dissolução da URSS? Qual foi a memória que ela construiu para si em relação a este período

¹THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364 2002. p. 359. Disponível em: <<https://bit.ly/2Dg1Dpj>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

²Idem, *ibidem*. p. 358.

de reformas e de dissolução da URSS? Como estas memórias podem ser dotadas de historicidade frente ao contexto político, econômico e social daqueles anos? Como a “construção de si” e da maneira pela qual os outros os percebem, elaborada pela memória expressa nos depoimentos, é capaz de demonstrar a sua atuação e a sua visão de mundo? Como a problemática do deslocamento (URSS – Brasil) implica na construção destas memórias no tempo presente?

Portanto, nosso objetivo a ser aqui explorado é, sobretudo, analisar as suas respostas não como um simples retorno da pergunta, mas como um produto interior, historicizado. Um produto referente a uma construção da memória, ou, a reelaboração das experiências vivenciadas, no contexto do tempo presente, e que permitam a construção de uma visão retrospectiva, relativamente organizada, de um sujeito histórico. Deste modo, para que seja dotada de historicidade se faz necessário observar como esse contexto é interiorizado pela testemunha.

Estas condições nos levaram a observá-la pelo olhar que ela “tem de si”, a considerando-a também enquanto ex-tradutora militar ucraniana que se deslocou de seu país, em meio à devida situação, e hoje reside em Porto Alegre (RS). Assim como, uma personagem que tem uma memória, tanto em relação aos motivos que levaram a dissolução de seu país, quanto aos que a fizeram deixá-lo em 1992. Tais condicionamentos são pontos fundamentais a serem historicizados, pois assim como conformam as suas ações, também agiram sobre os próprios condicionamentos, em uma relação de tensão.

Para o historiador Benito Bisso Schmidt o resgate de trajetórias individuais é normalmente utilizado pelos historiadores para iluminar questões ou contextos mais amplos, articulando os múltiplos fios que unem indivíduo e contexto, porém como uma “via de mão dupla” – sem cair no individualismo exacerbado, como do tipo “a vida dos grandes vultos” ou na determinação estrutural estrita.³ Neste sentido, cabe ressaltar também que uma trajetória não necessariamente tem que ser do nascimento até a morte de um indivíduo. Perspectiva que, segundo Schmidt, ainda é um “fantasma” da questão do eixo cronológico – de forma linear –

³SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: *Estudos Históricas*, v. 10, n. 19, 1997. p. 14 – 15. Disponível em: <<https://bit.ly/2AKxs7j>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

herdado do individualismo exacerbado.⁴ Em sua dissertação de mestrado sobre a trajetória do militante Antônio Guedes Coutinho, é possível observar esta crítica ao eixo cronológico.⁵ De modo que, em entrevista posterior a realização de sua dissertação, afirmou que na “biografia do [Antônio Guedes] Coutinho, até pela questão de fontes, mas também porque não era o meu interesse, eu analisei um período muito específico da vida dele, que é o forte de sua militância socialista.”⁶ Portanto, uma trajetória não é o retrato de um indivíduo como uma unidade que corta linearmente o período de uma vida, mas uma análise multifacetada de uma existência concreta.⁷

Por outro lado, consideramos intrínseca à análise das fontes, a busca das formas como a memória reconstitui as experiências vivenciadas. Sendo assim, é necessária a compreensão do conceito de *memória*, bem como as delimitações da sua extensão para esta análise. O interesse pela memória como um fenômeno social teve seu desenvolvimento entre as décadas de 1920 e 1930, sobretudo, através do trabalho basilar do sociólogo francês Maurice Halbwachs, publicado postumamente em 1925, e, traduzido para o português em 1990, sob o título de *A memória coletiva*.⁸ Apesar das múltiplas dimensões da memória para o conhecimento histórico, sublinham-se, neste caso, as que se remetem a reconstituição do vivido. Para Halbwachs a memória é, de fato, algo ainda vivo, ou, “é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.⁹

Segundo o historiador francês Pierre Nora, “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”.¹⁰ Assim, a memória implica uma relação afetiva de quem lembra com aquilo que aconteceu. Aspecto que, de fato, interessa essa análise, isto é, a reconstituição do vivido, que é também uma reconstituição “de si”. A observação de uma

⁴ZALLA, Jocelito; RUFATTO, Katani M. M. Sobre biografia e história: entrevista com Benito Bisso Schmidt. In: MÉTIS: história & cultura, v. 15, n. 30, 2016. p. 18. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5b4OO>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

⁵Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 1996.

⁶ZALLA, Jocelito; RUFATTO, Katani M. M. Op. Cit., p. 18.

⁷SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. In: *Anos 90*, v. 4, n. 6, 1996. p. 184 – 185. Disponível em <<https://bit.ly/2JATiIw>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

⁸HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁹Idem, ibidem p. 81

¹⁰NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993. p. 9.

vida, e, também, de como essa vida “se vê”, do que esquece, do que não diz, do que é traumático, do que dá ênfase, do que acha graça, do que muda.

A historiografia sobre a relação entre *História e memória*, tomando as décadas finais da URSS como exemplo, contou com um trabalho que se tornou fundamental, sobretudo no Brasil. Estamos falando do sociólogo austríaco Michael Pollak,¹¹ que, analisando os campos de disputa em torno deste período, destaca o movimento de *desestalinização* lançado pela nova direção do partido ligada a Gorbachev, dentro do quadro das reformas. Neste sentido, o autor afirma que este período, de profunda mudança política, levou a uma revisão (auto)crítica do passado. Em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, de 1989, publicado na revista *Estudos Históricos*, Pollak examinou as contribuições da história oral no tratamento que ela oferece às “memórias subterrâneas”.¹² Memórias que emergem em momentos de crise e tencionam conflitos com memórias concorrentes, como das suscitadas no quadro das reformas de Gorbachev.

Pollak procurou definir alguns elementos que considerou fundamental na constituição da memória. Organizados da seguinte maneira: a) acontecimentos vividos pessoalmente; b) vividos “por tabela”; c) o fato de que a memória é constituída por pessoas, personagens e; d) os lugares da memória, onde existem ligações particulares com as lembranças.¹³ Tais elementos buscam demonstrar que grupos e indivíduos podem disputar a construção de certas lembranças e esquecimentos, revelando as relações de poder dentro de uma sociedade, em que em um determinado momento, se procura lembrar ou apagar da memória um acontecimento.

As histórias de vida ganham um potencial ordenador dos acontecimentos que “balizaram uma existência”, de modo que a reconstrução “de si”, realizada pelo indivíduo, pode definir seu lugar social e as suas relações com os outros. Acepção que Pollak se vale para afirmar que, as histórias de vida, “devem ser consideradas como instrumentos de

¹¹Nascido na Áustria em 1948, iniciou sua carreira na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), na França e nos Estados Unidos. Em 1975, defendeu sua tese sob orientação de outro nome de peso, Pierre Bourdieu. No entanto, posteriormente, rompeu com a sua formação inicial, fortemente focada nas ciências matemáticas e estatísticas, buscando uma perspectiva histórica focada na contextualização sócio-política. Assim, em 1982 tornou-se diretor de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), na França, onde ajudou a construir o programa *Ciência, tecnologia e sociedade*. Mais tarde, ligado ao Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) e ao Grupo de Sociologia Política e Moral, Pollak trabalhou, sobretudo, com a análise da identidade social em situações extremas, como a experiência dos campos de concentração e os homossexuais e a AIDS.

¹²POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 1, 1989, p. 3 -15. Disponível em: <<https://bit.ly/1OAe3U5>> Acesso em 28 de março de 2018.

¹³POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 201. Disponível em: <<https://bit.ly/2qh1g5G>> Acesso em 28 de março de 2018

reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais”.¹⁴ As categorias de análise de Pollak, isto é, memória enquadrada e história de vida, são colhidas por meio da *História Oral*, trazendo um resumo de uma história social individual, suscetíveis de serem apresentadas sob inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Carregam, portanto, uma “reconstrução de si”¹⁵. A primeira define a referencia ao passado, dada pelos indivíduos, para manter a coesão dos grupos e das instituições, para definir seu “lugar respectivo”, mas também suas oposições. A segunda, que também se refere a estes “lugares respectivos”, serve como instrumento de reconstrução da identidade, que procura estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos com acontecimentos concretos. No fim das contas, a memória enquadrada se refere a manutenções ou oposições de grupos e instituições, buscando uma memória comum; a história de vida, que pode estar no plural, se refere à reconstrução da identidade, que por sua vez, pode revelar um “sem-número” de contradições, tensões, possibilidades, caminhos e encruzilhadas.

A *História Oral*, através do uso de depoimentos sobre trajetórias, acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história, ajuda a recuperar uma dimensão geralmente confinada à esfera privada, algumas vezes cindida da esfera pública, isto é, a dimensão dos sujeitos históricos. Embora possa parecer um privilégio o historiador “conversar com suas fontes”, a *História Oral* é uma metodologia que analisa fontes históricas a partir de depoimentos em entrevistas. Portanto, por se tratar de uma metodologia, é também uma ação complexa, que exige apurações e reavaliações constantes, demandando cuidados específicos.

Por outro lado, a *História Oral* demanda uma reflexão sobre o tempo, sobretudo, através da perspectiva da *História do Tempo Presente* (HTP), corrente desenvolvida em vários países, mas especialmente na França durante os anos 1970. Essa perspectiva tem como principais nomes Henry Rousso, François Bédarida, Robert Frank, Pieter Lagrou e o próprio Pollak. Todavia, *Tempo Presente* não é sinônimo de *História Oral*. Como afirma o historiador francês François Dosse, “[não] se trata de sacralizar a oralidade depois de ter sacralizado as fontes escritas em um movimento de pêndulo excessivo”.¹⁶ Também não é sinônimo de

¹⁴POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio...* p. 13.

¹⁵Idem, p. 9.

¹⁶DOSSE, F. História do Tempo presente e historiografia. In: *Tempo e Argumento*, v.4, n.1, p.5-22, 2012. p. 12. Disponível em: <<https://bit.ly/2qe4gj0>> Acesso em 28 de março de 2018.

período da história contemporânea, e sim, uma concepção da operação historiográfica. Dosse defende a ideia de que é uma espessura temporal do espaço de experiência, em que:

[o] historiador, então, recebe uma nova tarefa que é a de encontrar a indeterminação do presente das sociedades passadas. Essa nova ambição leva a uma reavaliação da contingência, da pluralidade das possibilidades, da diversidade das escolhas possíveis dos atores. [...] A outra importante singularidade da História do tempo presente é a importância de testemunhas em sua construção, ainda mais se definirmos os limites dessa história como tendo que coincidir com a copresença de seus atores, isto é, com a duração da vida humana.¹⁷

Por isso, a reflexão sobre a HTP é necessária, pois implica uma estrita articulação entre *História* e *memória*. Na mediada em que, por um lado, as testemunhas podem contestar os registros históricos nos quais não se reconhecem, e, por outro, o vivido, reorganizado pela memória, é analisado neste espaço de experiência. Neste sentido, para analisar aquilo que o “narrador” considera como mais significativo sobre sua experiência, realizamos, evidentemente, mais de uma entrevista.

Em nossa pesquisa as entrevistas foram gravadas, com agendamentos prévios e com um roteiro de perguntas construído de antemão.¹⁸ Cabe ressaltar que este roteiro não foi um questionário a ser aplicado, mas uma relação de pontos que se consideram fundamentais na trajetória, bem como dos objetivos. Sendo assim, o roteiro de perguntas esteve ancorado na problemática da pesquisa, construído em diálogo com os conceitos e discussões em torno da questão da memória, e, também, das discussões mais amplas, travadas até então, sobre as décadas finais e a dissolução da URSS, que veremos em breve.

Sendo um trabalho de *História Oral*, as relações humanas, gestos e atitudes de ambos os lados, carregam implicações concretas para a pesquisa. Assim como as “negociações” realizadas por entrevistador e testemunha, processo que remete, em certa medida, às relações de poder, e que, merecem ser elucidadas. Em relação a este último aspecto, a introdução da biografia de *Flavio Koutzii*, de Schmidt,¹⁹ explora alguns elementos fundamentais sobre os procedimentos e problemáticas da *História Oral*. Schmidt chama de “autêntica relação humana”, isto é, o “olho no olho”, no qual diversos gestos e atitudes influenciam ambos os “lados”: historiador e depoente. Chama igualmente a atenção para o “equilíbrio das relações de poder”, que no caso do pesquisador em questão, podem se manifestar de formas diferentes

¹⁷Idem, ibidem, p. 15.

¹⁸Cf. Anexos.

¹⁹SCHMIDT, Benito Bisso. Introdução. In. *Flavio Koutzii: Biografia de um militante revolucionário – De 1943 a 1984*. Porto Alegre: Libretos, 2017.

das do trabalho de Schmidt. Por exemplo, através das condições de deslocamento do país, etnicidade (brasileiro-ucraniana), relações de gênero, etc. Finalmente, a articulação entre trajetórias e condicionamentos sociais em Schmidt, contribuem para discutir a questão das visões retrospectivas, condicionadas pela posição de um entrevistado no presente.

Para Thomson, a “memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”,²⁰ muito em função dos relatos públicos no presente sobre o passado e suas mudanças. Por outro lado, como mencionamos brevemente no início, o deslocamento é um elemento que se alinha, no caso de Anna, com esta relação passado-presente. Nessa conformidade, Thomson avista:

a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua *por toda a vida* do migrante e pelas gerações subsequentes [...] A experiência da migração continua durante toda a trajetória de vida do migrante. [grifo]²¹

Assim, não apenas a confirmação das visões retrospectivas em movimento é importante, mas a sua articulação com uma experiência migratória que abarca a trajetória de vida. Em outras palavras, a relação passado-presente da memória recebe um terceiro elemento: a experiência migratória. Como veremos no caso de Anna, a memória não é reconstituída apenas em cruzamento com o presente, mas também com o sentido do deslocamento: uma vida que se vê em relação a outro *tempo* e a outro *lugar* – termo que abarca desde a formação social até as suas identidades, que se ajustam as aspirações atuais.²²

Outro aspecto a ser ressaltado, que cabe tanto para os condicionamentos sociais quanto para a própria relação *História e memória*, é a busca por uma análise que contemple uma produção historiográfica fora de um eixo eurocentrado Ocidental, apesar de sua contribuição, e, assim, corra por análises tanto da sociedade soviética – o que podemos compreender como o outro *lugar* da memória – quanto da pós-soviética. Buscamos dialogar assim com a historiadora russa Olga Novikova, que acrescenta às discussões teóricas da memória o aspecto do “enfrentamento ideológico” – e para esta análise é mais um cruzamento importante. Novikova viveu dentro da sociedade soviética durante muitos anos do período analisado, mas também estudou e trabalhou por muitos anos na Espanha. Para ela essa combinação de

²⁰THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e memória. In: Projeto História, São Paulo, 15, abr. 1997. p. 57. Disponível em: <<https://bit.ly/2LzhQGM>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

²¹THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p.341-359.

²²THOMSON, Alistair. *Reconstituindo a memória...*p. 57.

experiências, esta “dupla posição” como testemunha e pesquisadora, tornou possível recorrer a memórias pessoais dos eventos que são descritos e ao mesmo tempo distanciar-se deles.²³

Novikova, para compreender a face ideológica da memória, analisa a situação anterior ao quadro das reformas de Gorbachev, tirando o caráter individual das ações do Secretário-Geral e as analisando como parte de uma geração que se formou no quadro da *desestalinização* do grupo de Nikita Khrushchev (1953-1964), conhecidos como sessentistas.²⁴ Uma das suas principais contribuições, para a análise da memória na URSS, está no questionamento do poder absoluto do Estado, conferindo uma margem de agenciamento para os sujeitos históricos, comentando que:

[no] Ocidente, o regime político que prevalece na União Soviética é geralmente definido após a Revolução de Outubro como totalitário. Também destaca a enorme pressão ideológica que o partido bolchevique exerceu sobre toda a sociedade. Tais afirmações, no entanto, iludem o fato de que o regime soviético durou mais de setenta anos, durante os quais teve que se adaptar a um ambiente de mudanças sociais internas e profundas muito variáveis e, conseqüentemente, sofreu múltiplas transformações, como aconteceu em outros estados europeus. [...] O uso do conceito de totalitarismo - como acabara de ser definido por Hannah Arendt - para descrever a realidade soviética permitiu uma aproximação entre o nazismo e o comunismo. O objetivo principal desta etapa não era produzir uma história social informada e matizada, mas fortalecer a legitimidade do modelo democrático ocidental, apresentando-o em oposição aos chamados regimes totalitários.²⁵

Convém sublinhar que a temática da dissolução da URSS é um campo de disputa em aberto, onde se conflagram diferentes matizes de análise. Exemplo “clássico” é o artigo *Fim da História*²⁶ – que, no entanto, não trabalha com a questão da memória propriamente dita, mas cabe como exemplo de “enfrentamento ideológico”. Escrito por Francis Fukuyama, após ruírem os regimes socialistas do leste europeu, no segundo semestre de 1989, aponta o modelo capitalista, de corte neoliberal, a democracia e o liberalismo econômico como a melhor alternativa de “sobrevivência” para os países recém diluídos. No entanto, essa pretensa “universalidade” do liberalismo como “solução” para todos os conflitos políticos, sociais, econômicos, dentro de um contexto conturbado, suscitou alguns questionamentos. Em uma resenha crítica do artigo de Fukuyama, a historiadora Hanen S. Kanaan indaga até que ponto a democracia liberal é legítima para todos os povos do mundo. E ainda se pergunta: a

²³NOVIKOVA Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). *Historia del presente*, Madrid, 2007, n. 9, p. 71.

²⁴Idem, ibidem. p. 73.

²⁵Idem. ibidem. p. 72

²⁶Francis Fukuyama é um economista especialista em questões políticas e militares da Europa e do Oriente Médio. Integrou o Conselho de Planejamento Político do Departamento de Estado norte americano. Este artigo foi reunido no livro *O fim da história e o último homem* publicado em 1991.

democracia liberal realmente representaria os ideais de liberdade e oportunidade igualitários?²⁷

Tal discussão reflete os campos de disputa que se abriram no entorno das décadas finais da URSS e da sua dissolução, e que também trouxeram a construção de estereótipos e de discursos triunfalistas, muitos dos quais derivavam da Guerra Fria.²⁸ Percebemos a construção das figuras dos “vencedores” e dos “derrotados”, ou ainda, a alusão a uma cruzada do “bem” contra o “mal” – da “civilização” contra a “barbárie”. Evidentemente que no campo da pesquisa histórica estas disputas também tomaram corpo e suscitaram o interesse pela sua análise. Abrindo espaço tanto para a pesquisa dos mecanismos políticos e econômicos da Guerra Fria quanto destas “construções” criadas por ambos os “lados”.

Grande parte desta produção historiográfica surgiu justamente na órbita dos próprios acontecimentos. Trabalhos imersos na Guerra Fria ou nas décadas que se seguiram de imediato a dissolução. Embora algumas destas produções não atentem para a problemática teórica do *Tempo Presente*, este aspecto revela uma perspectiva importante que ganhou a atenção dos historiadores com os anos: a HTP. Perspectiva que estendeu o conhecimento histórico para além do território do passado, o que remete muitas vezes a historicização das próprias experiências vivenciadas por aquele que pesquisa. Como a reflexão que Novikova fez, por exemplo, de sua “dupla posição”.

Essa produção corre pelas mais diversas áreas do conhecimento, como história, economia, relações internacionais e ciência política, analisando questões como as razões que levaram à dissolução da URSS ou os mecanismos econômicos e políticos da Guerra Fria. Em torno deste último ponto, destacam-se alguns dos trabalhos mais relevantes publicados no período, no Brasil e no exterior, e que, de fato, já se tornaram “clássicos” da historiografia.²⁹

²⁷KANAAN, Hanen S. O fim da história e o último homem (Francis Fukuyama). In: *PerCursos*, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2PntxoV>> Acesso em: 23 de junho de 2018. p. 9.

²⁸Em 8 de março de 1983, o então presidente dos Estados Unidos da América Ronald Reagan, em um célebre discurso em Orlando na Flórida, se referiu a URSS como “*the evil empire*”, “o império do mal”. O governo de Reagan (1981-1989) implementou o aumento do poderio militar norte-americano e das restrições econômicas sobre o bloco soviético. Essa ofensiva, não sem motivo, incrementou a tensão da Guerra Fria, e que, em grande medida, contribuiu para a dissolução da URSS anos mais tarde. POWASKI, Ronald E. *La Guerra Fria*. Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991. Barcelona: Ed. Crítica, 2000. p. 288.

²⁹Muitas destas obras trazem uma visão panorâmica em torno de suas temáticas, às vezes sínteses de mecanismos político-econômicos. Cf. LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007; THOMPSON, Edward Palmer (Org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985; HALLYDAY, Fred. *Génesis de la Segunda Guerra Fria*. México: Ed. FCE, 1989; KEYLOR, William R. *El mundo del siglo XX. La Guerra Fria entre lassuperpotencias*. Buenos Aires: Editorial Docencia, 1998; KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das*

Já em meio ao debate historiográfico acerca da dissolução da URSS, algumas questões provocaram debates extremamente interessantes sobre as origens, trajetórias e consequências das reformas de Gorbachev iniciadas em 1985. Dentre elas, convém destacar, em linhas gerais, as que mais se alinham ao objeto da nossa pesquisa e procuraram identificar alguns elementos fundamentais que emergiram nesta discussão. Entre as discussões no Brasil, a economista da Universidade de São Paulo (USP) Lenina Pomeranz foi uma das precursoras na análise da *Perestroika*. Com doutorado em Planificação Econômica pelo Instituto Plejanov de Moscou de Planificação da Economia Nacional, em 1967, Pomeranz tem uma longa produção acadêmica voltada para o planejamento econômico brasileiro e as experiências soviéticas. No que tange a dissolução da URSS seu artigo “Acabou a *Perestroika*?” de 1991, é um exemplo de seus trabalhos.³⁰

Embora não sejam trabalhos propriamente da área da História, foram discussões que suscitaram a atenção e o interesse pela análise da *Perestroika* em outras áreas, dentre elas a História. Na esteira da historiografia brasileira, a tese de doutorado de Ângelo de Oliveira Segrillo, foi considerada pioneira por ter sido a primeira tese acadêmica nacional sobre a história da URSS, baseada em uma pesquisa direta nos antigos arquivos classificados soviéticos e fontes primárias originais russas.³¹ Em relação aos seus artigos, cabe destacar *As Diferentes Fases da Perestroika Soviética: do Ponto de Vista Histórico e da Economia Política*,³² que analisa as leis e os decretos da URSS entre 1985 e 1991, e propõem uma divisão mais detalhada do período, identificando assim quatro fases distintas da *Perestroika*: a) fase da “descentralização socialista” (1985-1987); b) fase de transição entre “descentralização socialista” e “economia de mercado” (finais de 1987 e 1988); c) fase de “economia de mercado” (1989 e primeiro semestre de 1990) e; d) fase de desintegração e restauração capitalista (finais de 1990 e 1991).

grandes potências. Rio de Janeiro: Campus, 1989; HEFFER, Jean; LAUNAY, Michel. *La Guerra Fria – 1945-1972*. Madrid: Akal, 1992; POWASKI, Ronald E. *La Guerra Fria*. Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991. Barcelona: Ed. Crítica, 2000.

³⁰POMERANZ, Lenina. “Acabou a *Perestroika*?”. *Revista da USP*. São Paulo, n° 10, Jun/Jul/Ago 1991 – p. 51-56.

³¹É também autor de diversos livros sobre a história da Rússia, entre os quais destacamos aqui: o livro que foi fruto de sua tese *O Declínio da URSS: um estudo das causas* (Rio de Janeiro: Record, 2000) e também *Os Russos* (São Paulo: Contexto, 2012).

³²SEGRILLO, Ângelo. As Diferentes Fases da *Perestroika* Soviética do Ponto de Vista Histórico e da Economia Política, *Fronteiras: Revista de História*, v. 5, n. 10, p. 99-120, jul./dez. 2001. Assim como: SEGRILLO, Ângelo. A Questão do “Fardo das Despesas Militares” Na Economia Soviética e Sua Influência no Desencadeamento da *Perestroika*. In: *Pós-Graduação em História* (UnB), v. 5, n. 1, 1997; e SEGRILLO, Ângelo. A Questão Do “Fardo” Da Agricultura Na Economia Soviética e Sua Influência No Desencadeamento Da *Perestroika*. In: *Estudos de História*, v. 5, n. 1, p. 169-189, 1998.

Tal periodização figura em torno das discussões sobre as reformas na interface entre história, ciência política e relações internacionais. Em 2015, Segrillo orientou a dissertação de mestrado em História Social de César A. R. Albuquerque, intitulada *Perestroika em curso: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991)*.³³ O trabalho discute a periodização das reformas, contudo, não como uma análise da *Perestroika* ou uma biografia de Gorbachev, seu foco se volta para as rupturas e continuidades no entendimento do Secretário-Geral quanto às políticas adotadas e à própria natureza do regime, examinando as diversas intervenções e publicações de Gorbachev. Deste modo, dentre muitas observações, o autor destaca que:

[se] no âmbito das reformas econômica e política são notáveis os movimentos de radicalização e transformação do pensamento do ex-líder máximo, a política externa – ou o New Thinking – talvez seja o eixo em que o pensamento de Gorbachev se mostra mais linear e estável ao longo dos anos. [...]. Temas como a crítica ao perigo nuclear, o arrefecimento das tensões da Guerra Fria, o desarmamento multilateral, a defesa de uma coexistência pacífica com as potências capitalistas, o respeito ao princípio da autodeterminação dos povos e a reformulação das relações entre os Estados que compunham o bloco socialista estiveram presentes, em maior ou menor grau, em praticamente todos os discursos dedicados às relações internacionais do país proferidos pelo líder soviético entre 1985 e 1991.³⁴

Como se pode perceber, a historiografia brasileira em torno das reformas de Gorbachev tem um espaço expressivo, já a partir da década de 1990. Discutindo desde aspectos econômicos e políticos até a própria compreensão soviética deste contexto. O que torna possível cotejar as fontes desta pesquisa pelos holofotes da discussão historiográfica em torno deste contexto histórico.

Com o 100º aniversário da Revolução Russa em 2017, trabalhos já clássicos como a *Era dos Extremos*, do historiador britânico Eric Hobsbawm, que surgiram no caldo daqueles anos, ganharam novos pares na historiografia. Assim como revisões, novas abordagens e visões críticas. De mesmo modo, manifestações públicas, debates, seminários e discursos emergiram, tanto nos espaços acadêmicos quanto nos espaços políticos, e, também, nos mais variados meios de comunicação. Analisando assim a experiência revolucionária russa de 1917 e os setenta e quatro anos que se seguiram como República Socialista Soviética, até sua dissolução no início da última década do século XX.

³³ALBUQUERQUE, César A. R. *Perestroika em curso: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo – USP.

³⁴Idem, *ibidem*. p. 238.

Embora este tempo em questão não seja o de quem pesquisa, como era de outros, sua fonte oral foi sujeito neste tempo. Portanto, aproveitamos para destacar aqui a escolha da *História Oral* (neste sentido, não confundir *fonte oral* com *história oral*) para reconstituir a história do tempo presente, reivindicada tendo em vista a adequação desse método aos nossos objetivos, na medida em que possibilita acompanhar caminhos, desvios e encruzilhadas de indivíduos na sua historicidade. Instituído-os como sujeitos históricos, que antes poderiam estar subsumidos dentro de um todo homogêneo; integrados em um sistema impessoal. A esfera privada, reconstituída pela *História Oral*, é capaz de inserir trajetórias individuais no contexto social, político e cultural mais amplo do período analisado.

O contexto em que se debruça essa pesquisa é, justamente, tomado por múltiplas mudanças nas configurações da URSS, bem como, tem sua órbita inundada pelos campos de disputa. Recentemente, em 2016, os livros da jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch chegaram ao Brasil. *A guerra não tem rosto de mulher* (publicado no exterior em 1985),³⁵ *Voices De Tchernóbil - A História Oral Do Desastre Nuclear* (publicado no exterior em 1997)³⁶ e *O Fim do Homem Soviético* (publicado no exterior em 2013)³⁷ constituem um denso trabalho de investigação, através de mulheres e homens que viveram o dia a dia da URSS, e que, ofereceram depoimentos para as narrativas-literárias de Aleksievitch. No entanto, como afirma Schmidt, deve-se notar que muitos romancistas optam pela trajetória de personagens reais para suas narrativas, realizando minuciosas pesquisas, orais ou documentais, mas seus compromissos são diferentes daqueles que se impõem aos historiadores, principalmente em relação às possibilidades de invenção.³⁸

O que buscamos aqui ressaltar é justamente a necessidade de uma compreensão histórica destas questões, especialmente valendo-se das fontes orais e da metodologia da *História Oral*. Evidentemente não se pretende uma contraposição ao trabalho realizado pelas outras áreas do conhecimento (jornalismo, literatura...) que se valem da oralidade, – dentro da extensão e das preocupações de seus devidos campos – nem a sua tomada como referencial. Sublinha-se apenas, através destes exemplos de outras áreas, a emergência das problemáticas em torno da memória do contexto de dissolução da URSS, e, assim, a devida contribuição na historicização destas questões.

³⁵Cf. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³⁶Cf. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Voices De Tchernóbil - A História Oral Do Desastre Nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³⁷Cf. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O Fim do Homem Soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³⁸SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias...Historiadores e jornalistas...*p. 12 – 13.

Seguindo esta linha, a cientista política ucraniana Tatiana Zhurzhenko,³⁹ pesquisadora da política de memória na Europa Oriental e da política de gênero e feminismo na Ucrânia, traz uma expressiva contribuição para o cruzamento entre as análises acerca da dissolução da URSS e a relação *História e memória*. O “enfrentamento ideológico”, sinalizado por Novikova, é tensionado pela busca de uma consciência de massa, uma cultura comemorativa soviética, inseridos dentro de uma *geopolítica da memória*.⁴⁰ Tal conceito, como veremos ao longo deste trabalho, tem uma historicidade, não apenas sob o ponto de vista externo da Guerra Fria, mas de transformações internas da própria URSS.

Por fim, cabe destacar que esse contexto sob qual debruçamos nossa atenção, não pode ser apenas um palco erguido pelo conhecimento histórico onde os “atores” se movimentam. Para que possamos dotar a nossa análise de historicidade é necessário observar como esse contexto é interiorizado. Assim, o trabalho com a memória surge como uma possibilidade de análise de como nossa personagem experimentou e percebeu tais eventos. No seu verso, aquilo que não é dito, o silenciado, o esquecido e os significados apropriados pela memória, bem como o momento da coleta dos testemunhos, também convivem com estas experiências e percepções.

Optamos por organizar a nossa análise em dois capítulos. O primeiro procura oferecer não apenas uma apresentação de Anna, mas uma contextualização de sua trajetória nos anos que viveu na URSS – que extrapola o nosso período de análise, mas que se faz necessário devido ao fato de que a nossa fonte sempre retoma a sua vida a partir de um tempo anterior para a explicar o que é o nosso objeto. Embora talvez seja dispensável dizer, este tempo é historicizado e problematizado – dentro da extensão de nossa análise – pois a sua presença na narrativa da fonte é articulado com o tempo seguinte, isto é, de 1985 a 1992.

O segundo capítulo é dedicado, sobretudo, aos anos de 1980 e começo dos 1990. Analisando as experiências vivenciadas e a interiorização das turbulências do processo de dissolução da URSS, mas também em diálogo com os sentidos construídos no capítulo anterior. Por fim, chegaremos as nossas considerações, que refletem tanto sobre o nosso

³⁹Nascida em 1967, estudou Economia Política e Filosofia na Universidade Estadual de Kharkiv. Em 2002, mudou-se para Viena, onde realizou pesquisas sobre as identidades e os discursos nas fronteiras ucranianas e russas, pelo Instituto de História da Europa do Leste, da Universidade de Viena. Sua pesquisa enfoca as fronteiras pós-soviéticas e as identidades fronteiriças, a política de memória na Europa Oriental e a política de gênero e feminismo na Ucrânia.

⁴⁰ZHURZHENKO Tatiana. Geopolitics of memory. In: *Eurozine*, 10 mai 2007, p. 6. Disponível em: <<https://bit.ly/2O6hB6p>>. Acesso em 18 de setembro de 2018

trabalho (limites, possibilidades, escolhas, caminhos) quanto a nossa própria experiência de trabalhar com a *História Oral*, e, é claro, com a vida de Anna, que vai muito além destas páginas.

CAPÍTULO 1. ANNA SAVITSKAIA: A FILHA REVOLUCIONÁRIA

O título deste capítulo se chama *a filha revolucionária* em referencia à “brincadeira” que a mãe de Anna fazia com a sua data de nascimento: “[...] nasci em 1964, inclusive, dia sete de novembro, que é 25 de outubro... a mãe sempre me chamava de ‘a minha filha revolucionária’ [risos]... no aniversário da Revolução Russa Bolchevique”.⁴¹ O aniversário da *Revolução de Outubro* de 1917 era comemorado oficialmente em novembro na URSS, devido à troca do calendário *Juliano*, usado pela Igreja Ortodoxa Russa, pelo *Gregoriano*, a partir de 1918. Deste modo é necessário, quando se refere aos eventos deste íterim, mencionar se a data se refere ao calendário *Juliano* (antigo) ou ao *Gregoriano* (moderno)⁴², como ela se refere.

Trataremos aqui da contextualização da trajetória de Anna. Como mencionamos tal tarefa expande o nosso arco temporal, pois, a memória busca sentidos e estabelece laços com acontecimentos e vivências não necessariamente “ordenados” – tal organização, no sentido da análise da memória, cabe ao pesquisador, como veremos nos parágrafos seguintes. Portanto, chegamos à hipótese de que para compreender as suas memórias do período de turbulências é necessário navegar antes por “águas mais calmas”, pois na busca de sentido este é o movimento que a sua memória realiza. E este movimento nos proporcionou uma articulação não apenas entre *História e memória*, mas também entre *História, memória e cotidianidade*.

Assim, de imediato, podemos começar a remar por suas memórias. Esta filha, que comemora o seu aniversário juntamente com a Revolução Russa, nasceu no dia sete de novembro de 1964, um mês após a URSS também dar a luz a um novo período de sua História: a *Era Brejnev* (1964 – 1982). Grande parte da sua vida na URSS foi durante esta época, que se inicia com a retirada de Nikita Khrushchev do cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS)⁴³ e a ascensão de Leonid Brejnev⁴⁴ no seu lugar em outubro de 1964, juntamente com Alexei Kossygin no cargo de primeiro-ministro.⁴⁵

⁴¹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I* [jun. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:21:52)..

⁴²O calendário da URSS se alinhou com a maioria dos países europeus. Lênin, como Presidente do *Comissariado do Povo*, assinou o decreto que adotou o calendário Gregoriano. O decreto eliminou 13 dias, indo de 31 de janeiro de 1918 a 14 de fevereiro. A Igreja Ortodoxa Russa se opôs à mudança, mantendo o calendário Juliano. GONZÁLEZ, Wenceslao S. *La reforma del calendario*. Las tentativas de transformar el calendario gregoriano. Cádiz, Espanha: eWT Editores, 2012. p. 46. Disponível em: <<https://bit.ly/2yzPqb4>> Acesso em 18 de setembro de 2018.

⁴³Em relação à máquina do partido destacamos dois órgãos da sua estrutura: a) *Politburo do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética*: colegiado de liderança do Comitê Central do PCUS. Seus membros

O período de Khrushchev, também conhecido como *Degelo* – mesmo título do romance de 1954, do escritor ucraniano Ilya Erenburg, em alusão ao que seria o “longo inverno” da *Era Stalin*⁴⁶ – conduziu a uma *desestalinização* a partir do XX Congresso do PCUS, realizado em fevereiro de 1956. Por outro lado, segundo Novikova, este período também permitiu o surgimento de uma nova geração, que em grande parte estrelou a *Perestroika* na década de 1980, e, também, exerceu uma influência considerável sobre a política e a cultura russa: a chamada *geração dos anos sessenta*⁴⁷ (da qual Gorbachev e outros reformistas fizeram parte).⁴⁸

No entanto, Khrushchev e Stalin não foram os únicos a terem as suas eras alcunhadas, antes ou depois de seus secretariados. A *Era Brejnev* também ficou conhecida por outro nome: a “era da estagnação”, incluindo os curtos governos de Yuri Andropov (1982-1984) e Konstantin Tchernenko (1984). Esta denominação, assim como a de Stalin, é posterior, já do que podemos chamar de *Era Gorbachev* (1985-1991).⁴⁹ Evidentemente que “estagnar” pode remeter a uma nova “cristalização” das águas que fluíram do *Degelo*, porém, cabe ressaltar, que estas denominações também se remetem a uma afirmação do poder político, tanto de grupos quanto de indivíduos. Como o próprio Khrushchev, quando este no mesmo congresso em 1956 denunciou seu antecessor, Josef Stalin, e, o “dirigente semidivino foi descido aos infernos”.⁵⁰

eram eleitos em uma plenária do Comitê Central para dirigir o trabalho do partido no intervalo entre as reuniões do Comitê Central; b) *Secretariado do Comitê Central do PCUS*: órgão para supervisionar os trabalhos diários do partido, sobretudo, a seleção dos quadros e a organização do controle do cumprimento das decisões, seus membros eleitos em plenária do Comitê Central.

⁴⁴Nascido na Ucrânia, em 1902, de pais russos, ele serviu em várias repúblicas, ascendendo à condição de primeiro secretário da Moldávia e, posteriormente, à de primeiro secretário do Cazaquistão. SUNY, Ronald Grigor. *Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações*. In: *Lua Nova*, São Paulo, 75: 217-228, 2008. p. 91.

⁴⁵BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. São Paulo: EDIPRO, 2014. p. 420.

⁴⁶Cf. ERENBURG, Ilya. *O degelo*. Portugal: Ulisseia, 1958.

⁴⁷NOVIKOVA Olga. Op. Cit. P. 73.

⁴⁸Outros autores como Hedrick Smith podem chamar esta geração de “Geração Khrushchev”, um grupo de jovens lideranças que viveram as transformações pós-stalinistas das décadas de 1950 e 1960. ALBUQUERQUE, César A. R. Op. Cit. p. 93.

⁴⁹O uso do termo “estagnação” é questionável. NOVIKOVA, Olga. Op. Cit. p. 78. Para demonstrar o uso do termo trazemos as palavras do próprio Gorbachev: “Num certo momento, e isto ficou bastante claro na segunda metade dos anos 70, aconteceu algo que à primeira vista parecia inexplicável: o país começou a perder impulso [...] Começaram a aparecer na vida social elementos do que chamamos de estagnação e outros fenômenos estranhos ao socialismo. Formou-se uma espécie de freio que afetou o desenvolvimento sócio-econômico” GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika – Novas Idéias para o Meu País e o Mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1987. p. 17.

⁵⁰REIS FILHO, Daniel A. O mundo socialista: expansão e apogeu. In: _____; FERREIRA, J.; ZENHA, C. *O Século XX - O tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras - Vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 22.

Os dirigentes soviéticos do entorno de Leonid Brejnev assumiram o discurso da estabilidade e da eficiência (socialismo desenvolvido) – que no plano das transformações sociais (urbanização, educação, qualificação da mão de obra, saúde) e no crescimento econômico, entre 1965 e 1970, tiveram, de fato, um desenvolvimento eficaz.⁵¹ Como Segrillo observou, até por volta de 1960, registraram-se altas taxas de crescimento, a partir daí, contudo, a economia entrou numa curva relativamente regular decrescente chegando a níveis mais baixos em meados de 1970.⁵² O que, com o uso de subsídios, alta dos preços de matérias-primas produzidas pela URSS, especialmente fontes de energia, e a centralização de órgãos de controle da economia, transferindo recursos de um setor da economia para outro, tornava-se possível a estabilidade do padrão de vida, mesmo com índices de crescimento econômico decrescentes.⁵³

Anna nasceu na República Socialista Soviética da Ucrânia, na cidade de Donetsk, capital da região administrativa soviética (ou *Oblast*) de mesmo nome, em meio a estas transformações. Até 1961 a cidade se chamava *Stalino*, em referência ao Secretário-Geral Josef Stalin,⁵⁴ denominação recordada por Anna: “na época antes da Segunda Guerra Mundial, se não me engano, era chamada de Stalino”.⁵⁵ Seu pai, Yakov Porfírievich Záitsev, um Engenheiro de Alimentos (ex-militar) que lutou na Segunda Guerra Mundial, também nasceu em Donetsk. Sua mãe, Emma Aleksándrovna Záitsev, uma pedagoga, nasceu em Barnaul na Rússia,

Buscando ouvi-la sobre a sua formação profissional, Línguas Romano Germânicas, que lhe garantiu a patente de tradutora militar – aspecto que consideramos essencial compreender para delinear tanto a sua profissão quanto a sua formação dentro de sua trajetória – obtivemos o que chamamos aqui de “reco” na sua trajetória. Não obstante, este “reco” (não fundamentalmente de tempo, mas de escolhas de acontecimentos que transbordaram nosso marco temporal) se articulou não apenas com a História de sua família, mas com a História da família inserida e apropriada por acontecimentos marcantes da URSS, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Sem buscarmos, é claro, compreender uma vida como uma “série única e por si suficiente”, para se utilizar da análise crítica de

⁵¹REIS F, Daniel A. Op. Cit. p. 26.

⁵²SEGRILLO, Ângelo. *O declínio da URSS...* p. 23.

⁵³Depois de 1975 em nenhum ano a URSS conseguiu um crescimento da renda nacional substancialmente superior a 5%, que esteve com 7,2% entre 1961 e 1970 e 10,3% entre 1951 e 1960. Idem, ibidem. p. 23.

⁵⁴Durante a *desestalinização* promovida por NikitaKhrushchev, as cidades soviéticas derivadas do nome de Stalin foram renomeadas. Stalino recebeu o nome de Donetsk, em alusão ao Rio Donets, afluente do rio Don.

⁵⁵SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

Bourdieu,⁵⁶ de acontecimentos sucessivos, dentre os quais uma formação profissional cortaria linearmente a sua trajetória. E, como este afirma, tal análise seria tão absurda quanto “tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”⁵⁷, ou, simplesmente, como um fim em si mesmo.

1.1 A GRANDE GUERRA PATRIÓTICA: MEMÓRIA “POR TABELA” (OU UMA GEOPOLÍTICA DA MEMÓRIA)

Talvez por esperarmos ouvir sobre, no máximo, a *Era Brejnev* – que o próprio Gorbachev se vale para explicar a sua *Perestroika*⁵⁸ – fomos surpreendidos com uma narrativa que teve como pontapé inicial, no que tange os acontecimentos históricos, a Segunda Guerra Mundial.⁵⁹ Diferente da escolha de demarcar um capítulo sobre o início de uma narrativa de vida pelo seu nascimento, Anna opta por recuar ainda mais, traçando linhas através da narrativa de sua família. E é assim que a escolha do “começo da sua vida” se inicia:

Ta, vamos falar então da mãe primeiro. O nome da minha era Emma, ela nasceu na Sibéria, na cidade de Barnaul, perto de Novosibirsk. Quando começou a Grande Guerra, o pai dela era militar de carreira e, inclusive, ele era tanquista, e foi até Berlim. Quando morava lá... acho que a minha avó materna... não era médica... nem técnica de enfermagem... se chamava *ferchar*[...] Durante a Segunda Guerra, também eu não sei... eu digo *Guerra Patriótica*, para nós...

Depois, quando a guerra acabou... o avô foi encaminhado... porque foi muito centralizado... onde precisava dos profissionais... Passou a morar em Kaliningrado, que foi anexada... já fazia parte do Império Russo, inclusive antes da Revolução... depois do fim da Segunda Guerra foi anexada de volta para a União Soviética, junto com as Repúblicas Bálticas... Então, quando foi para lá a minha mãe decidiu fazer a faculdade de pedagogia.

O meu pai nasceu em Donetsk, [...] era jovem, participou da guerra, mas foi estudar na Academia Militar, e era tipo Engenheiro de Alimentos. Em Kalinin que eles se conheceram; se casaram; e, lá nasceu minha irmã mais velha, Larissa [...] Então, eu

⁵⁶BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.190.

⁵⁷Idem, *Ibidem*, p. 189-190.

⁵⁸GORBACHEV, Mikhail. *Op. Cit.*, p. 17-24

⁵⁹É marcante o fato que a URSS, ao longo de sua existência, teve que enfrentar à ameaça permanente da intervenção militar das potências capitalistas, o bloqueio econômico, o isolamento de diversas formas e três guerras: a guerra civil, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Em relação à Segunda Guerra Mundial, a partir de 1938, a sua proximidade levou a uma revisão da política da memória histórica: uma parte da simbologia nacional russa foi recuperada. De modo que, a propaganda oficial resgatou heróis que lutaram contra as invasões estrangeiras no passado. Ocasionalmente, príncipes ou czares da Rússia se tornaram protagonistas de obras de arte, como o governante medieval Alexander Nevsky, cuja vitória sobre os cavaleiros da Ordem Teutônica virou a história do famoso filme de S. Eisenstein (1938). Após a Segunda Guerra Mundial, conhecida na URSS e mesmo na ex-URSS como Grande Guerra Patriótica, a sua memória histórica foi incandescida, sobretudo, pelo legado da vitória sobre o nazismo e os impactos e transformações que a guerra trouxe. NOVIKOVA, Olga. Rusia, 1917. La revolución del pensamiento, la cultura y las emociones. In: *Nuestra Historia*, 4, 2017, p. 21-42. p. 42; _____. *La política de la memoria...*p. 74.

acho que eles foram morar, já com a Larissa, ela era pequenininha, com o avô em Kaliningrado, por uns dois ou três anos, depois foram para a Polônia. A parte da Polônia que o pai trabalhou junto com... tipo um quartel soviético... que tinha em todas as outras repúblicas... nos países satélites socialistas... todos eles tinham quartel [...] Mas bom, eles ficaram uns dois ou três anos, depois voltaram. Voltaram para de onde o pai era, Donetsk, e, foi lá que eu nasci.⁶⁰

Essa narrativa, concebida em 31 de julho de 2018, também nossa primeira entrevista, foi fruto da proposta inicial de ouvi-la sobre a sua formação profissional, especialmente decisões e influências. Assim como, se a sua família teve algum papel neste processo. Para tanto, Anna decidiu fazer um “recuo” até seus avós maternos. Aspecto que suscita a complexidade e a diversidade da memória, que, na acepção de Pollak, pode ser vivida tanto pessoalmente quanto “por tabela.”⁶¹ Esta última corresponde aos acontecimentos vividos por uma coletividade à qual a pessoa se sente parte, e assim, até mesmo os que não viveram podem sentir-se como sujeitos do mesmo passado.⁶²

Em relação a isto Pollak segue dizendo que:

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do *espaço-tempo* de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da *socialização política*, ou da *socialização histórica*, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que *herdada* [grifos].⁶³

Para Anna estes acontecimentos são as vivências da sua família na Segunda Guerra Mundial, ou, como ela chama a *Grande Guerra Patriótica* (denominação soviética, ao lado de *Grande Guerra Nacional*). A participação de seus avós e de seu pai na guerra esta inserida na lógica da narrativa sobre a sua vida, assim como o espaço-tempo destes sujeitos, principalmente a esfera da Europa Oriental da URSS (Bielorrússia, Moldávia, Rússia e Ucrânia), que evidentemente não é tomado dentro de um espaço físico rigorosamente delimitado (fronteiras políticas).

Assim como o espaço, o tempo da guerra também não parte de marcos históricos rígidos (o 22 de junho de 1941 com o avanço das divisões do *Terceiro Reich* sobre a URSS ou o 8 de maio de 1945, com a rendição da Alemanha, por exemplo), mas por um período que engloba desde a guerra na URSS até a sua reconstrução e a expansão do campo socialista pelo leste europeu. Convém sublinhar que, segundo a psicóloga Ecléa Bosi, o fato do espaço-

⁶⁰SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

⁶¹POLLAK, Michel. *Memória e identidade social...*p. 201.

⁶²Idem, *ibidem*.

⁶³Idem, *ibidem*.

tempo não seguir uma ordem rigorosa – cronológica ou geográfica – pela memória, não significa que esta seja arbitrária, pode estar apenas em busca de “significações comuns”. E segue dizendo que:

O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente – mas que se relacionam através de índices de significação comum.
64

Portanto, através desta perspectiva, o “reco” também é uma forma de encontrar significações. Seu pai, Yakov, e, especialmente, seus avós maternos, Nikoláievna Mikháilova e Alieksandr Mikháilov, são lembrados pelos seus trabalhos durante a guerra. Sobretudo, os avós, a primeira pelo atendimento dos feridos e o segundo por ser militar de carreira e ter avançado em direção a Berlim, tendo sido baleado várias vezes (Anna não chegou a conhecê-lo pessoalmente). Essa memória socializada, ou mesmo herdada é fortemente expressada por estas narrativas da guerra, um momento em que se vivenciaram acontecimentos “fortes”, que foram decisivos para as suas vidas, assim como influenciaram os destinos de segmentos sociais envolvidos, e, também, da própria URSS.

Contudo, a definição de memória “por tabela” pode ser mais tensionada e articulada, na medida em que a socialização destes acontecimentos pode tocar em outros elementos, para além da memória familiar. Conforme Zhurzhenko, a *Grande Guerra Patriótica* tem uma dimensão geopolítica que não pode ficar de fora de qualquer análise da memória da guerra na URSS, e mesmo das análises nas repúblicas que surgiram da sua dissolução. Esta dimensão é a *geopolítica da memória*, em que:

[a] ‘grande vitória sobre o fascismo’, representada pelos soviéticos, foi o bilhete de entrada para o clube das potências mundiais, legitimou seu novo status no continente europeu e sua nova esfera de influência. A Rússia, como libertadora da Europa Oriental dos “bárbaros fascistas”, tornou-se assim não só uma nação poderosa, mas também ‘européia.’⁶⁵

Mas, esse novo *status* foi alcançado sob duras penas, pois nenhum outro país teve tantas baixas no conflito, entre militares e civis, quanto a URSS.⁶⁶ Logo, a legitimidade que

⁶⁴BOSI, Ecléa em entrevista a Mozahir Salomão Bruck. In: *Dispositiva* v.1 n.2 nov.2012 / abr. 2013. p. 198.

⁶⁵ZHURZHENKO Tatiana. Op. Cit., p. 6.

⁶⁶ Milhares de cidades, vilas e aldeias ficaram literalmente em escombros. Leningrado, Stalingrado, Kiev, Kursk, Kharkov, Minsk, Rostov, Sebastopol, todas foram destruídas. Segundo Robério Paulino Rodrigues, “reerguer as cidades, reinstalar o equipamento urbano, treinar novos trabalhadores para substituir os que haviam morrido ou haviam sido transferidos durante a guerra, eram estas algumas das urgências. Estradas, pontes, linhas férreas, os sistemas de comunicações, além das indústrias destruídas ou pilhadas, havia que reconstruir tudo, reparar, fazer operar. Estima-se que no final da guerra, ao leste do país, somente entre 3% e 4% do equipamento industrial

estes acontecimentos lhe proporcionaram entre as potências mundiais tem em seu verso o impacto de milhares de mortos e famílias atingidas pela invasão do Exército Nazista. As narrativas oficiais da guerra enfatizavam o heroísmo dos soldados e oficiais do *Exército Vermelho*, assim como da população civil que resistiu à ocupação nazista. Para Zhurzhenko, o *triumfalismo* foi elevado durante o período em que Leonid Brejnev esteve à frente da URSS, mas, sobretudo, durante a década de 1970,⁶⁷ que como vimos, no campo das transformações sociais trouxe estabilidade para o padrão de vida soviético (especialmente nos principais centros urbanos).

As comemorações do *Dia da Vitória Soviética* em 9 de maio, por exemplo, que marca a derrota do *Terceiro Reich* para a URSS, bem como os monumentos erguidos em homenagem aos que lutaram e resistiram, representam, de certa forma, uma economia midiática – elemento privilegiado de produção cultural da memória e consumo de acontecimentos. Pollak, refletindo sobre os “lugares de memória”, destacou que na memória mais pública, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.⁶⁸ Em seguida o autor aponta que, “os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.”⁶⁹ Por um lado, ajudando a consolidar uma identidade, neste caso dos “povos soviéticos”, na construção de um destino comum, de pertencer a um “nós”, e, por outro, como um elemento integrado a ordem geopolítica: a Guerra Fria.⁷⁰

Anna, ainda falando da sua família, recorda de um dos vários esforços empreendidos pela URSS durante a guerra: “Era muito importante... algumas empresas foram evacuadas da parte européia da União Soviética [...] para poder produzir, inclusive para o *front*.”⁷¹ Esta transferência maciça de indústrias inteiras da parte ocidental para as regiões orientais, em função da invasão alemã, que Anna recorda, é um exemplo que se soma aos imensos impactos

estava em condições de funcionamento. No Ocidente, muitos analistas avaliavam que a URSS não conseguiria se levantar por muitas décadas e que ficaria fora do jogo político internacional por um bom tempo, porque iria se dedicar em paz a tratar seus ferimentos.” RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. 2006. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo – USP. p. 116.

⁶⁷ZHURZHENKO Tatiana, Heroes into Victims.The Second World War in Post-Soviet Memory Politics.In: *Eurozine*, 31 out 2012, p. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/2JigM9O>> Acesso em 18 de setembro de 2018.

⁶⁸ POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*... P. 202.

⁶⁹Pollak segue dizendo que até mesmo locais longínquos “fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.” Idem, *ibidem*.

⁷⁰Idem, *ibidem*.

⁷¹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

da guerra na URSS.⁷² Embora os EUA tivessem a ordem de 300 mil perdas, a URSS, além de suas 27 milhões de perdas – impacto demográfico que reduziu o acesso a mão de obra – teve um quarto de sua economia destruída.⁷³ Portanto, EUA e URSS, mesmo que vitoriosos, não saíram da guerra em condições semelhantes, muito pelo contrário. Por conseguinte, a Guerra Fria emergiu *pari passu* ao pós-guerra, rivalizando posições e projetos antagônicos: “a divisão do mundo em dois blocos de poder em disputas, um dos quais socialistas”.⁷⁴

O que chamamos de acontecimentos “fortes”, são de fato as experiências dos atingidos pela guerra. Assim, não é apenas a guerra enquanto um acontecimento que fez parte da História de seu país, mas é um acontecimento que faz parte da sua própria História, que lhe foi socializado, mas também construído historicamente frente a um enfrentamento geopolítico. Esse enfrentamento não é apenas econômico ou militar, é também de ordem ideológica, em que o *triumfalismo* da *Grande Guerra Patriótica* construído na década de 1970 está próximo de uma “memória nacional.”⁷⁵ Como afirma o historiador Ulpiano Bezerra de Menezes, as memórias nacionais são do caldo da cultura, ligadas justamente as ideologias da cultura nacional,⁷⁶ em que pátria, triunfo, identidade nacional são conceitos que ganham protagonismo.

É importante observar que as memórias de guerra especificamente têm contornos próprios. Thomson, nos primeiros anos da década de 1980, iniciou uma série de entrevistas com veteranos australianos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conhecidos como *Anzacs* ou *diggers* (escavadores).⁷⁷ Estes ex-combatentes desfrutavam da reputação de terem forjado uma nacionalidade australiana, baseada em seu “batismo de fogo” em Galípoli e no *front* Ocidental.⁷⁸ Embora tenhamos elementos muito distintos, seja entre australianos e soviéticos ou entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, e seus respectivos países, é

⁷² Juntamente com os milhares de indústrias transferidas às pressas no início da guerra, estima-se que 10 milhões de trabalhadores e habitantes do leste e suas famílias tenham sido transferidos para outros locais desconhecidos. RODRIGUES, Robério Paulino. Op. Cit. p. 115 – 116.

⁷³ SEGRILLO, Ângelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 209.

⁷⁴ Os EUA mantinham uma posição de preponderância mesmo antes da Guerra Fria, contanto com circunstâncias muito diferentes dos outros atores e tendo se beneficiado em muito com a guerra: país situado fisicamente fora da zona de combate; o *boom* da economia de guerra – a produção industrial cresceu cerca de 70% entre 1939 e 1947. MICHELENA, Jose Agustin Silva. *Crise no sistema mundial: política e blocos de poder*. São Paulo: Paz e Terra, 1977. p. 50.

⁷⁵ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1992. p.15.

⁷⁶ Idem, *ibidem*.

⁷⁷ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória...* p. 54.

⁷⁸ Idem, *ibidem*, p. 54-55.

importante destacar desta análise os aspectos da composição da memória que Thomson observou. Em especial, o que ele chama de *composição*, isto é, o processo de “construção” de reminiscências, que nos serve para observar que o processo de construção da memória se baseia na linguagem e nos significados conhecidos de cada cultura, e as histórias obviamente não são representações exatas do passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às identidades e aspirações do presente.⁷⁹ Em suma, a memória sobre a *Grande Guerra Patriótica* na URSS é atravessada por distintos elementos e tensionada por diversas chaves de análise, se a escolha for partir de uma ampliação do conceito de memória “por tabela” de descendentes de ex-combatentes ou outras formas de ação na guerra – como realizamos no caso de Anna.

Como vimos, o findar da guerra trouxe uma nova fase, a Guerra Fria, e, também, a formação dos blocos de poder, que por sua vez, também carrega os seus sentidos na construção da narrativa de Anna. Quando nos referimos aos blocos de poder estamos falando dos dois blocos da Guerra Fria: o bloco capitalista, ligado aos EUA e o bloco socialista, ligado a URSS. Para o historiador William Keylor, no início de 1948, o continente europeu foi reorganizado em dois blocos políticos e econômicos, um dependente dos Estados Unidos e outro subordinado à União Soviética.⁸⁰ Kaliningrado, onde seus avós, e depois seus pais viveram, era um enclave entre a Polônia e a Lituânia, sob os termos do *Acordo de Potsdam*.⁸¹ A cidade foi reconstruída durante a Guerra Fria, tornando-se um ponto estratégico para a URSS no Mar Báltico. Como Anna conta, seu avô foi encaminhado pelo Exército para Kaliningrado, assim como seu pai, posteriormente, também foi encaminhado para a Polônia, porém sem recordar para qual cidade. Tais lembranças carregam ênfases na organização e na centralização do Exército.

Este “recuo” não é então apenas uma busca pelas “origens” ou simplesmente uma “tradição de família”, um “legado” individual, mas o estabelecimento de um processo, com um contexto relativamente ordenado reconstruído pela sua memória. Constituindo laços de sentido que “explicam” – a partir do relato – os condicionamentos sociais e buscam dar uma “significação comum”. O palco em ruínas da Segunda Guerra Mundial, que baixada à poeira

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 56-57.

⁸⁰ KEYLOR, William R. *El mundo del siglo XX*. La Guerra Fria entre las superpotencias. Buenos Aires: Editorial Docencia, 1998. p. 34

⁸¹ Conferência entre os chefes de Estado das potências vitoriosas da Segunda Guerra realizada nos arredores de Berlim, em agosto de 1945.

também baixou a temperatura entre os blocos da Guerra Fria, dimensiona e articula as ações de seus familiares, e, também, como estes agiram frente aos próprios condicionamentos.

As tais “águas mais calmas” da memória, que antecederam as turbulências da dissolução da URSS, têm seu sentido frente ao “choque” que a Segunda Guerra Mundial trouxe para a URSS. No nível interno de sua trajetória é algo experimentado pela socialização, choques “por tabela”. Por outro lado, a *Grande Guerra Patriótica*, é também uma afirmação do poder, dentro de uma lógica da geopolítica da memória. Nos próximos parágrafos passaremos para as memórias propriamente vividas pessoalmente.⁸² Memórias que nos trouxeram uma articulação fundamental entre *História, memória e cotidianidade*. Trataremos, sobretudo, da mudança e do estabelecimento de Anna e de sua família na cidade de Kiev, onde viveu até os anos finais da URSS.

1.2 A VIDA EM KIEV: HISTÓRIA E COTIDIANIDADE

Na década de 1970, depois de voltar para Donetsk, o pai da Anna decidiu seguir a carreira acadêmica, segunda ela por questões de saúde, relacionada a problemas renais, e, também, para poder ser liberado do Exército. Yakov então começou a fazer mestrado em Engenharia de Alimentos em Kiev, que era a capital da República Socialista Soviética da Ucrânia. A mãe de Anna nesta época trabalhava como secretária científica do curso de matemática da Universidade de Donetsk.

Depois de concluir o mestrado, Yakov foi convidado a trabalhar no Instituto de Kiev, o que trouxe um “dilema” para a família, que para Anna se resumia da seguinte forma: “[...] Bom, sabíamos que a capital sempre é mais complicada... a minha irmã entrou na faculdade, faculdade de economia, e então como é que a gente a deixa? Sozinha ou leva conosco?”⁸³ Larissa, irmã mais velha de Anna, na época tinha 17 anos quando entrou na faculdade, que segundo Anna era a faixa etária que, em geral, se ingressava, como ela própria ingressou. Para não deixá-la sozinha e nem deixar de ir para Kiev, a avó de Anna, Nikoláievna, veio de Kaliningrado para ficar com Larissa em Donetsk.

Sem deixar Larissa sozinha e nem deixar de ir para Kiev, os três puderam assim fazer a mudança, que não teria sido nada fácil. Os primeiros dois anos em Kiev são lembrados como tempos difíceis por Anna:

⁸²POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 201.

⁸³SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

Os primeiros anos... em Kiev... não eram muito fáceis para nós [...] Os primeiros dois anos... dividimos com uma família de três pessoas inclusive no segundo ano da nossa vida em Kiev. O pai adoeceu... apareceu a doença de rins, pela qual ele saiu do Militar. Então, foi muito complicado, isso eu lembro, porque tinha que mudar a cada ano, mas depois, eu já com quase... com 14 anos, 14 anos... conseguimos, pelo trabalho do pai, conseguimos um apartamento só nosso.⁸⁴

A cidade de Kiev foi um importante estado eslavo-oriental, que alcançou proeminência na região desde o século X, sendo ocupada por diversos grupos em séculos posteriores (mongóis, tártaros, poloneses e russos). No século XIX, Kiev tornou-se um próspero centro administrativo, sob a expansão do Império Russo na Ucrânia. Os alemães e os austro-húngaros ocuparam a cidade na Primeira Guerra Mundial, permanecendo até 1919. Com a Revolução Russa, Kiev perdeu sua posição como capital ucraniana para Kharkov, até 1934⁸⁵. Durante a Segunda Guerra Mundial, novamente os alemães ocuparam a cidade, as forças soviéticas em retirada detonaram bombas que destruíram grande parte dos edifícios da rua principal, a rua Khreshchatik, assim como os alemães, quando em retirada, também destruíram muitas partes da cidade. Após a guerra, o governo soviético investiu recursos pesados na reconstrução de Kiev. Esses esforços incluíram a construção de um extenso sistema de metrô. Segundo Gary Roseman, Nikita Khrushchev supervisionou o esforço geral e Kiev se tornou a terceira cidade mais populosa da URSS.⁸⁶

A dificuldade em conseguir uma moradia na capital não foi algo particular da família de Anna, mas também não é algo que se possa compreender por uma visão da moradia, ou melhor, da falta dela, pelos mesmos princípios das sociedades ocidentais contemporâneas. A primeira década da *Era Brejnev* foi uma época de crescimento econômico, especialmente em matéria de energia: gás natural, petróleo, energia nuclear. Assinalando uma transição da matéria do carvão para novas fontes. A questão da habitação na URSS era um ponto complicado, mesmo ainda nos anos 1970. Havia as chamadas *komunalkas* (moradias comunitárias), em que as famílias dividiam o mesmo apartamento. No período posterior à Segunda Guerra Mundial, as *komunalkas* foram expandidas para resolver o problema da habitação, pois eram subsidiadas pelo Estado.⁸⁷

⁸⁴Idem.

⁸⁵A capital da Ucrânia até 1934 era Kharkov, quando foi transferida novamente para Kiev. A nova capital recebeu uma Academia de Ciências, institutos e bibliotecas, que por sua vez criaram uma *intelligencia* ucraniana.

⁸⁶ROSEMAN, Gary. The real estate market in Kiev: history and issues. In: *Real Estate Issues*, Summer, 2002, Vol.27(2), p.26.

⁸⁷SEGRILLO, Ângelo. *Os Russos...* p. 90.

A partir de Khrushchev, com a expansão da reconstrução, garantida já na *Era Stalin*, a diminuição do déficit habitacional foi encarada com a construção em massa de altos prédios para abrigar famílias individualmente – de fabricação rápida e barata.⁸⁸ Como em muitas cidades soviéticas, o crescimento residencial em Kiev nos anos 1960 também se expandiu para as margens da cidade.⁸⁹ Com o crescimento econômico da primeira década da *Era Brejnev* anéis destes altos prédios começaram a cercar os centros urbanos, acompanhados pela ampliação do saneamento básico e do sistema de calefação⁹⁰. Anna e seus pais conseguiram um apartamento individual no final de 1979. Segundo ela:

[...] nunca foi por causa do dinheiro que tu não podia. A questão que eram muito poucos, foi questão de achar. Nem tinha indicação, porque quando o pai tava no hospital com a mãe... inclusive quando o pai adoeceu, já que ele tinha mestrado e era acadêmico, ele ficava num hospital que era especializado para os acadêmicos.⁹¹

Havia falta de moradias em Kiev, com seu sistema de pagamentos de aluguéis artificialmente baixos, como resultado, várias gerações de uma família frequentemente dividiam o mesmo apartamento por anos.⁹² Anna reforçou, no entanto, o fato de que as moradias eram subsidiadas pelo Estado, e que, as taxas (eletricidade, água, gás...) eram valores quase que “simbólicos”, no sentido de que os valores eram muito baixos. Seguindo esta mesma lógica, o tratamento de saúde do pai também é lembrado sob este ponto de vista:

Porque eu lembro que ele ficava bastante tempo, já que era um problema no rim, então tirar um rim. Ele chegava a ficar tipo três semanas, depois ficava em casa, daí convalescia e voltava para lá. Então tava bem tranquilo quanto a isso. Só a questão da separação... a gente o visitava, mas nunca foi problema de dinheiro ou em algum... jamais isso, ou conversa entre os pais ‘como a gente vai pagar?’ Nunca foi... imagina, tu já tem problema... e ainda como a gente ta vendo a questão financeira.⁹³

Convém sublinhar a observação que fizemos antes de analisar a questão da moradia, e que, também, surge novamente na questão da saúde, isto é, a visão que se busca compreender outra sociedade. Embora aqui tenhamos mergulhado com profundidade em uma trajetória particular – mesmo que inserida em um contexto social – a nossa própria fonte, Anna, é

⁸⁸SEGRILLO, Ângelo. *O declínio da URSS...*p. 21.

⁸⁹ROSEMAN, Gary. Op. Cit. P. 26.

⁹⁰Os níveis salariais, como um todo, também começaram a subir. O salário médio nominal na URSS, em Rublos, passou de 80,6 em 1960, para 122,0 em 1970. Considerando a inflação sobre o consumidor final na URSS, de caráter residual ou sazonal, houve uma elevação real do poder de compra do cidadão soviético na primeira década da *Era Brejnev*. Segundo Segrillo, utilizando o sistema de Índice de Preços do Consumidor do *StatiscalYearbook* da ONU, de 1953 a 1969, pode se observar que houve uma *deflação* na URSS. SEGRILLO, Ângelo. *O declínio da URSS...*p. 21; 287.

⁹¹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

⁹²ROSEMAN, Gary. Idem, *ibidem*.

⁹³SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

constante em refletir a necessidade de fazermos “parênteses” em nossa análise e buscarmos uma compreensão que não parta de categorias impositivas. Essas, podem não refletir os condicionamentos sociais de uma sociedade, que não aquela do pesquisador. Esta reflexão, dentre muitas outras ao longo deste trabalho, foi algo que provocou um momento de problematização da posição do pesquisador. Afinal, a “autêntica relação humana”⁹⁴ nos mostrou como a fonte também se coloca como crítica frente ao pesquisador, revelando os nossos próprios condicionamentos e os filtros porque passam a nossa própria compreensão.

Tal reflexão também nos faz perceber, além dos nossos próprios condicionamentos sociais, a postura, enquanto pesquisadores, que temos em relação ao passado vivido e lembrado pela memória. Fazemos nossas as palavras de Bosi:

Não temos, pois, o direito de refutar o fato contado pelo memorialista como se ele estivesse no banco dos réus, e dele exigir que nos diga a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, vai nos contar a sua verdade. Depois, na interpretação de uma colheita de lembranças, nós temos que pensar, como cientistas humanos que nós somos, em um projeto – que tipo de conhecimento estamos buscando e produzindo.⁹⁵

Estas reflexões se tornaram indispensáveis, sobretudo, por se tratar de um processo de reelaboração de um passado pela memória, em que questões da atualidade, bem como memórias evocadas pelas mais diversas mídias, em relação não só aos desdobramentos da dissolução da URSS, mas dos próprios ideais socialistas, podem invadir este processo de reelaboração. Não obstante, o “enfrentamento ideológico” também está na órbita desta reelaboração.⁹⁶

Encerrada esta digressão teórico-metodológica, retornamos a narrativa de Anna. Especialmente em relação à questão da moradia resolvemos ouvi-la sobre o seu “lar” em Kiev junto com a família:

L.G. - Tu lembras como era o apartamento de vocês?

A.S. - Sim... um fato que a gente até poderia falar mais, eu gostava muito do nosso apartamento. Mas era assim ó... eu posso te dizer que nunca na minha vida eu passei frio, mais do que aqui no Rio Grande do Sul. Lá, com temperaturas baixas, de zero e tudo... calefação central [...] Claro, não era grande nosso apartamento, que eu lembro os metros... ‘Ah’ eu acho que era uns... não era muito grande... uns 55m². Mas tinha uma sacada coberta, calefação, cozinha, que também era pequena, mas era sempre autossuficiente.⁹⁷

⁹⁴SCHMIDT, Benito Bisso. Op. Cit. p. 15.

⁹⁵BOSI, Ecléa. Op. Cit. p. 198.

⁹⁶NOVIKOVA, Olga. Op. Cit. p. 71.

⁹⁷SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

Anna recorda com detalhes o apartamento que viveu com sua família e depois com Oleg, até seu deslocamento da URSS em 1992. Descreve cada cômodo da casa. Aponta as diferenças com a moradia no Brasil, “quando eu cheguei aqui eu disse ‘mas como assim não tem banheira de imersão!’ Disseram não, só nas casas chiques que tem.”⁹⁸ E, inclusive, destaca os locais de fabricação dos móveis “eu acho que a mesa e as poltronas eram feitas na ex-Iugoslávia [...] Da sala era da Romênia, eu acho... era um conjunto, com cristaleira, tudo junto.”⁹⁹ Todos estes detalhes não são relembrados em vão, nos parece uma forma de trazer cores para a sua narrativa, no sentido em que nos é apresentado quase que como um microcosmo vivo na memória. Rico em cores, detalhes, sentidos, formas e confortos. Como Anna mesmo nos conta “[...] quando a gente assiste os filmes soviéticos parece tudo padronizado, mas vai ver então! Eram bem duráveis, bem bonitos... e durava, durava.”¹⁰⁰

Quando resolvemos perguntar sobre os telefones domésticos, querendo saber sobre o acesso aos aparelhos eletrônicos de consumo, Anna recordou da convivência – que também veremos em outras passagens da sua memória – com os vizinhos do andar de baixo do seu edifício:

Os telefones eram mais complicados, também era de graça, às vezes tinha que ficar na fila esperando. Era muito, muito interessante isso, por exemplo, no nosso edifício. A gente dividia a linha com os vizinhos de baixo. Eles, inclusive, eram de origem judaica. O pai lembra deles, tinha amizade com eles. Inclusive, depois eles imigraram para Israel. Isso a gente ficou sabendo depois. Eram muito simpáticos. A gente tinha às vezes... precisava ligar, e aí tava ocupado, aí dava um descida rápida, batia: ‘a gente precisa de uma ligação de urgência’. Mas, já que era convivência socialista se achava um jeito. Não tinha briga. Dava para esperar, se não era urgente.¹⁰¹

Passamos muito tempo a ouvindo sobre estas vivências em Kiev, pois acabou se tornando uma via privilegiada para compreender a articulação da História com a memória da cotidianidade na trajetória de Anna.¹⁰² Sob esta ótica nos aproximamos do espaço do indivíduo, ou seja, do seu exercício direto de individualidade, ainda que dentro de um contexto situado. Como afirma Schmidt, o resgate do cotidiano contribui para a análise da trajetória de vida ao trazer uma dimensão que ocupa tanto o âmbito público quanto o privado, seja nas experiências ou nos discursos, pois:

⁹⁸Idem.

⁹⁹Idem.

¹⁰⁰Idem.

¹⁰¹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹⁰²BOSI, Ecléa. Op. Cit. p.197.

[o] cotidiano é a vida de todos os dias, dos gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente [...] Esta sucessão repetitiva do dia-a-dia comporta conteúdos bastante heterogêneos: engloba a vida familiar, o trabalho, as relações de vizinhança, o lazer, entre outros aspectos [...] [A] perspectiva da vida cotidiana permite ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto [...] Afinal, esta dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, deslocada das demais relações sociais.¹⁰³

Portanto, para a nossa análise isto não foi apenas uma descrição idílica de cenas da vida cotidiana, mas uma busca por significações de uma sociedade que ficou para trás no *tempo* e no *espaço* para Anna, e que é acessada pela memória. Talvez dispensável de se dizer, mas que esta reconstrução é sempre com os pés no presente, tanto pela própria memória quanto pelo contexto “em que” “e que” se recorda – “aqui no Rio Grande do Sul”; “já que era convivência socialista”. É importante ressaltar estes aspectos, pois os acontecimentos de um trajetória se definem como “colocações” e “deslocamentos” no espaço social, e, nas palavras de Bourdieu:

nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado [...] na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado [...] [pois] quem pensaria em evocar uma viagem sem ter uma ideia da paisagem na qual ela se realiza?¹⁰⁴

Neste sentido, dadas estas condições, outra destas experiências de convivência que Anna nos conta são as “práticas coletivas” nas fazendas cooperativas de Kiev, os *Kolkhozes* da URSS.¹⁰⁵

É muito interessante isso... tanto no segundo grau... e antes eu acho, na sexta, sétima série, sempre era uma prática coletiva como a gente chamava. No verão, normalmente, em torno de 30 dias, uma coisa entre 25, 30 dias. A gente morava perto de um Kolkhoz, perto de Kiev, e ajudava na colheita. O que dava, por exemplo, no colégio a gente juntava lúpulo [...] Olha... olhando pra trás é uma das experiências mais legais. Na faculdade é a mesma coisa. O primeiro ano era beterraba que a gente juntava. Beterrabas, não essas pequenas, umas beterrabas

¹⁰³ SCHMIDT, Benito Bisso. *O gênero biográfico...*p.187 – 188.

¹⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 190.

¹⁰⁵ O *Kolkhoz* (kollektivnoe khoziaistvo) era um modelo de fazenda cooperativa que surgiu a partir da coletivização agrária do I Plano Quinquenal de desenvolvimento (1928-1933). Nas palavras de Josef Stalin: “A saída está [para o desenvolvimento econômico], primeiramente, na transição das pequenas propriedades camponesas espalhadas e atrasadas para as grandes fazendas comunitárias, amalgamadas e de larga-escala, equipadas com maquinário, armadas com conhecimento científico e capazes de produzir um máximo de grãos para o mercado. A solução está na transição da agricultura camponesa individual para a agricultura comunitária, coletiva.” apud SEGRILLO, Ângelo. *A Questão Do “Fardo” Da Agricultura...*p. 175. Cabe ressaltar que, como afirma Segrillo, a decisão de efetuar a coletivização forçada “não passava apenas pela questão econômica da agricultura de larga escala como a mais eficiente nas condições soviéticas. Ela foi consideravelmente uma decisão política do partido para permitir que a agricultura servisse como base para a industrialização do país (dentro do conceito de hegemonia do proletariado na aliança com o campesinato), e não como um fim em si.” Idem, ibidem. p. 179.

maiores, que usava na alimentação do gado. No segundo ano... se não me enganaram umas abóboras... enfim o que precisava.¹⁰⁶

Segundo Anna esta era uma prática comum dos *Kolkhozes*, que desde os seus tempos de colégio, no início do ano letivo, pediam ajuda para a colheita. Para ela este momento da colheita, além de proporcionar o trabalho coletivo, era também uma oportunidade de conhecer pessoas novas, de outros colégios ou outras faculdades, e, também, de fazer amizades ou, até mesmo, namorar. No seu caso, ela conheceu Oleg no segundo ano de faculdade, pois ambos estudaram no Instituto de Linguística de Kiev, ela no curso de línguas romano-germânicas e ele no curso de línguas latinas.

Antes de ingressar na faculdade Anna trabalhou um ano na biblioteca da Academia das Ciências da União Soviética de Kiev,¹⁰⁷ na catalogação de microfimes, como ela lembra: “chegava pra nós de Moscou, provavelmente de São Petersburgo, publicações de todo o mundo nesses microfimes, a gente tinha que separar depois catalogar.”¹⁰⁸ Contudo, ela ressalta que este trabalho era também uma exigência para entrar na faculdade, “tu tinha que apresentar o documento que tu trabalhou, não podia ‘ah’ vou me preparar, vou fazer cursinho, isso não [...] se tem em mente entrar [na faculdade], tinha que trabalhar.”¹⁰⁹ Neste sentido, novamente a convivência e, também, a experiência, são lembradas como elementos fundamentais da sociedade, como ela mesmo diz “eu chegava às 9h e saía às 17h, ganhava, mas nem tanto por ganhar, porque eu precisava dessa experiência e depois eu acho que eu trabalhei em torno de... fiz amizades lá também... trabalhei em torno de uns 7 meses.”¹¹⁰

Estes relatos sobre a cotidianidade também revelam uma latência da situação do deslocamento, ou a “experiência migratória” que mencionamos anteriormente, que traz uma afetividade de memórias de “outros tempos”, em que vivia em seu país – em especial um país que passou por um processo de dissolução. Segundo Thomson:

as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida. Quando registramos estas histórias, não captamos apenas evidências inestimáveis sobre a experiência anterior e as histórias vividas. As próprias histórias representam a constante evolução dos modos pelos quais os

¹⁰⁶Entrevista 1.

¹⁰⁷A Academia de Ciências da Rússia foi fundada por Pedro, o Grande em 1724. Com a Revolução Russa passou a responder ao Comissariado do Povo de Educação (*Narkompros*), departamento responsável pela administração da educação e da cultura. A partir de 1918 foram se estabelecendo pelas demais repúblicas socialistas soviéticas academias de ciência, como na Ucrânia.

¹⁰⁸SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹⁰⁹Idem.

¹¹⁰SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

migrantes constroem suas vidas através de suas histórias. Encaradas desta maneira, as histórias orais dos migrantes proporcionam evidências tanto sobre a experiência passada quanto sobre as histórias de vida que são uma parte importante e material da experiência dos migrantes.¹¹¹

Assim, é importante ressaltar o papel do deslocamento – dentre vários articuladores – para não cairmos em uma “essência” desconjuntada da sua história de vida, nem no endossamento de uma “ilusão biográfica”, isto é, tratar a vida como um relato linear e coerente, uma sequência de acontecimentos com significado e direção, uma ilusão retórica, uma representação comum da existência.¹¹² Não obstante, a crítica deste passado por Anna repousa na “perda”, que também está no bojo do deslocamento, mas que se vincula especialmente com a relação passado-presente, ou seja, o modo de vida ou a formação social em si – seu “lugar respectivo”.¹¹³ A “perda”, no nível individual do sujeito na dissolução, é o que também faz emergir a necessidade de buscar significados em um passado que excede o arco temporal das turbulências da URSS.

Neste sentido, retornamos a *composição* da memória, sem é claro o sentido da guerra propriamente, mas pelos contornos das dramáticas mudanças de vida, baseadas em bloqueios e exclusões, e que revelam a maneira específica como uma pessoa compõe seu passado.¹¹⁴ Segundo Thomson, assim como se busca uma afirmação da identidade pessoal dentro da comunidade específica em que se vive, também se pode buscar uma afirmação das reminiscências, ou, em outras palavras, um “reconhecimento”¹¹⁵ – que neste caso pode ser tensionado tanto com o deslocamento, quanto com a “perda”, ou ainda, no nível ideológico e geopolítico, com o seu enfrentamento.

Em 1983 Anna ingressou na faculdade, quando perguntamos sobre o que ela recordava do seu curso nos disse, principalmente, que “era bem concorrido, porque a gente era considerado, considerada, vamos dizer... os soldados e combatentes do front da Guerra Fria.”¹¹⁶ Ao nos depararmos pela primeira vez, ao longo da nossa primeira entrevista, com a menção a Guerra Fria, resolvemos ouvi-la sobre o sentido da Guerra Fria na sua formação:

L.G. – Pela necessidade de saber outras línguas?

¹¹¹ THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p. 359.

¹¹² BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 185.

¹¹³ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio...* P. 9.

¹¹⁴ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória...* p. 58.

¹¹⁵ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória...* p. 58.

¹¹⁶ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

A.S. – Exatamente, e é por isso que muitas vezes a gente... a gente fala, mas é... recebia no caso duas... era um diploma secular e também uma patente militar. Sou tradutora militar, nunca cheguei de reserva e o meu marido, o Oleg, chegou depois a trabalhar como tradutor militar em Angola, por seis, sete meses. Mas também depois terminou... pelo fim da União Soviética... as tropas... como se diz? De ajuda internacional.¹¹⁷

O horizonte da Guerra Fria é sublinhado na sua trajetória acadêmica, – de modo que é claro que não podemos reduzir a Guerra Fria a sua aparência de conflito entre a URSS e os EUA ou a corrida armamentista, seguimos pois a concepção do historiador britânico Mike Davis, da Guerra Fria sendo tanto um *conflito* quanto um *sistema*¹¹⁸ – como veremos no próximo capítulo a memória em relação a Guerra Fria tem uma articulação e uma significação fundamental na construção dos sentidos da dissolução da URSS. Por aqui, ressaltamos apenas um ponto que emergiu de imediato ao assunto da Guerra Fria e o seu início na faculdade: a morte do Secretário-Geral Leonid Brejnev.

“[Viramos] uma página, mas não muito grande”. Foi esta à forma como Anna se referiu à morte de Leonid Brejnev, em dezembro de 1982, com 75 anos de idade. Anna recorda como um momento de “que rumos o país vai... vai seguir”¹¹⁹, de modo que estabelecemos o seguinte diálogo:

L.G. - Lembra como foi à repercussão da morte de Brejnev?

A.S. - Muito menos do que aquilo que a gente já ficou sabendo dos... dos nossos pais e dos livros, quando morreu o Stálin.

L.G. – Sim...

A. S. – É, bem, assim... inclusive, porque o Khrushchev foi deposto, quando ele morreu foi bem quieto... Um pouco de sentimento... eu ainda adolescente... então dá para entender, um pouco de sentimento... viramos uma página, mas não muito grande... um pouco de sentimento de incerteza eu poderia dizer...

L.G. – Do que vêm depois?

A.S. – Sim, mas nada assim... sempre tem o quê os adultos estão falando... que tão inseridos e tudo, de leitura...¹²⁰

¹¹⁷Idem.

¹¹⁸Como afirma Mike Davis: “Embora as explicações da Guerra Fria em termos de “superpotências” e “exterministas” tenha um certo refinamento em sua simplicidade e familiaridade, sua fragilidade está em sua incapacidade de elucidar os efetivos ‘por que e como’ da história concreta da Guerra Fria [...] a Guerra Fria entre a URSS e os Estados Unidos é, em última análise, o condutor de descargas elétricas de todas as tensões históricas entre forças de classes internacionais antagônicas, mas o confronto bipolar em si não é o nível dominante da política mundial.”DAVIS, Mike. O imperialismo nuclear e dissuasão extensiva. In: THOMPSON, Edward Palmer (Org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.70

¹¹⁹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹²⁰Idem.

Retornando a análise da *Grande Guerra Patriótica* que observamos no início deste capítulo, Zhurzhenko também nos mostra que a cultura comemorativa soviética desenvolvida justamente nas primeiras décadas da *Era Brejnev*, exigia mártires em vez de vítimas – pessoas que resistiram e morreram por um propósito (combatentes clandestinos, partidários e simpatizantes).¹²¹ Evidentemente que a eficácia de uma cultura comemorativa também deve ser fundada, ao menos em parte, no cumprimento de algum papel social concreto. O historiador britânico Christopher Hill, que passou o ano de 1935 em Moscou na URSS, analisando a cultura comemorativa no entrono da morte de Lênin, para a escrita da trajetória de vida deste, pode observar que:

Durante uma semana jazeu o corpo de Lênin exposto, enquanto longas filas passavam horas sob o mais rigoroso inverno para vê-lo. ‘Os bolcheviques têm muita organização, mas não é a propaganda deles o que traz aos pés de Lênin essas centenas de milhares de pessoas’ – escreveu o jornalista Duranty, do *New York Times*, a 27 de janeiro. E desde a construção do mausoléu onde foi posto embalsamado o corpo de Lênin, na Praça Vermelha, até o seu fechamento por ocasião da guerra contra os nazistas, sempre se viu uma longa romaria de gente simples que desejava prosternar diante do líder morto. O corpo de Lênin, como o dos santos da Igreja Ortodoxa, não conheceu a podridão [...] Cada civilização faz dos seus grandes homens o que pode, para projetar a imagem deles na sua linguagem típica.¹²²

Como observa Hill, os bolcheviques utilizaram a cultura comemorativa, e mesmo o culto a personalidades, para difundir as suas ideias, e também consolidar o seu poder. Sobre este último aspecto podemos observar tanto o que Zhurzhenko chama de *geopolítica da memória*, em relação à Grande Guerra Patriótica, quanto ao poder dos próprios Secretários do PCUS – se pensarmos no uso político da *desestalinização* de Khrushchev para o seu fortalecimento em relação ao seu antecessor, assim também a “era da estagnação” referida por Gorbachev em relação à Brejnev. Ao fim e ao cabo, a construção de uma cultura comemorativa ou de uma memória, seja sobre algo ou alguém, é um campo de tensões que reflete relações de poder, e, sobretudo, da afirmação deste sobre outros.

No caso de Brejnev, que indagamos a Anna, ela traça uma relação entre uma memória familiar frente à morte de Stálin, que para ela teria tido uma repercussão muito maior em comparação a do “envelhecido” líder – vale lembrar que é uma memória da família em relação ao momento da morte, do seu culto, e não a morte pelo filtro posterior da *desestalinização* de Khrushchev – lembrando também da pouca atenção que se deu a morte de

¹²¹ZHURZHENKO Tatiana. *Heroes into Victims...* p. 4.

¹²²HILL, Christopher. *Lênin e a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 161-162. (Publicado pela primeira vez em 1947 pela *The English Universities Press* de Londres).

Khrushchev em setembro de 1971, que diferente do antecessor e do sucessor não faleceu no cargo, pois foi deposto.

Para Anna este teria sido um período de incerteza, o prolongamento da *Era Brejnev*, e posteriormente, Secretários que morreram em pouco tempo a frente do PCUS – Yuri Andropov (1982 - 1984) e Konstantin Tchernenko (1984 - 1985) – trouxe justamente este “vimos uma página, mas não muito grande”. A espera por alguma renovação *pós-Brejnev* acabou frustrada, embora ressalve algumas tentativas de Andropov como, por exemplo, “alguns ‘apertos’, como a gente dizia, já aparece nos livros... e esses ‘apertos’ não eram tão ruins, no caso, mas é mais, vamos dizer, coisas paliativas... consumo de álcool...”¹²³ Diferente de Tchernenko, que para Anna pouco marcou na sua memória. No entanto, como veremos no próximo capítulo, esta “página mal virada”, foi fundamental, na sua recordação, para “abraçar” as reformas de Gorbachev.¹²⁴

¹²³SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹²⁴Idem.

CAPÍTULO 2. “... E PELAS TANTAS FICAMOS SEM PAÍS”: AS TURBULÊNCIAS DO PROCESSO DE DISSOLUÇÃO DA URSS

Como já havíamos mencionado este segundo capítulo se debruça exclusivamente sobre as experiências vivenciadas e a interiorização das turbulências do processo de dissolução da URSS. No entanto, embora capítulos sejam usualmente as divisões que organizam e estruturam livros, artigos, ensaios ou demais documentos, e este capítulo delimite justamente um recorte temporal na vida de Anna – que no início da pesquisa era o que nós buscávamos compreender exclusivamente – ele permanece profundamente articulado com o que o antecedeu. Seguindo a metáfora da “página mal virada”, utilizada por Anna para expressar o início deste período, é que compreendemos também a necessidade de realizar a articulação feita com os acontecimentos anteriores.

Neste sentido, a expressão que nomeia este capítulo – “... e pelas tantas ficamos sem país”¹²⁵ – é referida por Anna no que tange tanto ao próprio processo de dissolução da URSS e sua “perda” quanto à frustração *pós-Brejnev*. O que chamamos aqui de turbulências do processo de dissolução da URSS são os acontecimentos, propriamente ditos, que “marcaram” a experiência de Anna nestes anos. Por exemplo, o acidente nuclear na cidade ucraniana de Chernobyl em 26 de abril de 1986, que é lembrado por Anna como uma das “muitas gotas” que levaram a dissolução da URSS – como compreenderemos mais adiante – e que estão articuladas com os seus anos finais, marcados também pela *Glasnost* e pela *Perestroika*.

Especialmente a *Glasnost*, ou transparência, que como mencionamos foi considerada por Pollak uma revisão do passado, tem papel de destaque na memória de Anna – intimamente ligada a frustração *pós-Brejnev*. Convém sublinhar que este capítulo tem como cenário a subida do último Secretário-Geral, Mikhail Gorbachev, em 11 de março de 1985 – de formação política da geração dos sessentistas – e introdutor da política de defesa da transparência. Para Albuquerque, a transparência viria acompanhada de um aprofundamento rumo à democracia e ao Estado de Direito socialista, no entanto:

nenhum desses conceitos pode ser isolado de seu contexto específico: imersos na realidade soviética, transparência, democracia e Estado de direito não correspondem com exatidão a seus pares na teoria liberal [...] essa tríade reforçava a necessidade de maior *participação popular*, de iniciativa das massas na condução dos destinos do país, revertendo o quadro de visível afastamento da sociedade em relação às esferas de poder [*grifo*].¹²⁶

¹²⁵SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹²⁶ALBUQUERQUE, César A. R. Op. Cit., p. 108.

É importante fazermos essas ressalvas em relação ao contexto específico destes conceitos, sobretudo, ao caráter da participação popular desejado pela *glasnost*, no que tange a esfera social – “desejado”, pois nas palavras de Gorbachev, “precisamos da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade.”¹²⁷ Por outro lado, a *Glasnost* também pode ser vista como uma nova política de memória em relação ao passado soviético. Essa visão política pode ser compreendida pela análise de Novikova, que dá especial atenção à ascensão da geração dos sessentistas. Sob este aspecto destaca que Gorbachev ofereceu o cargo de Secretário de Assuntos Ideológicos para Alexandr Yakovlev, conhecido por sua postura revisionista e Edvard Shevarnadze, outro sessentista dentro do Partido, de Ministro de Assuntos Exteriores. Juntos, com a *Glasnost*, tinham o objetivo explícito de levar a cabo a democratização e o implícito de dismantelar a estrutura partidária, e para isso era preciso “falar sobre o passado para encontrar nele o ponto onde o país se comprometeu com o caminho errado, bem como encontrar soluções para o futuro.”¹²⁸ O próprio Shevarnadze, em um discurso em 25 de julho de 1988, criticou os antecessores de Gorbachev, enumerando os possíveis erros do passado soviético.¹²⁹

Por outro lado, a liberalização da imprensa e da criação cultural também foram aspectos fundamentais para essa nova política. Conforme Novikova, entre 1987 e 1989, foram publicadas obras literárias nas quais o tema da memória, que já havia emergido em décadas anteriores, foi renovado.¹³⁰ Contudo, as vítimas das repressões stalinistas foram “devolvidas” ao presente de uma maneira peculiar. Durante a *Era Khrushchev*, nem todas as vítimas da repressão foram reabilitadas. “Retornaram”, em especial, os antigos bolcheviques condenados nos grandes julgamentos de Moscou de 1936-1938. Porém, durante a *Perestroika*, a reabilitação (moral e/ou legal) dependia das próprias bases ideológicas das reformas. Assim por exemplo, a reabilitação de Trostky foi negada, pois seu “radicalismo revolucionário” foi visto como perigoso.¹³¹

¹²⁷GORBACHEV, Mikhail. Op. Cit., p. 32.

¹²⁸NOVIKOVA, Olga. Op. Cit., p. 83.

¹²⁹Cabe ressaltar alguns dos principais pontos desse discurso encarados como erros de condução: a guerra do Afeganistão, o afastamento da China e da Comunidade Européia e a produção de armamentos em larga escala. POWASKI, Ronald E. Op. Cit., p. 311.

¹³⁰ O famoso livro de Alexander Solzhenitsyn *Arquipélago Gulag (1918-1956): uma tentativa de pesquisa literária*, escrito entre 1958 a 1967, publicado no Ocidente em 1973 e na URSS em 1989, foi um dos principais expoentes desta nova literatura. NOVIKOVA, Olga. *La política de la memoria...* p. 81 – 84. Segundo Pollak, “essa memória ‘proibida’ e, portanto ‘clandestina’ ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura”. POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio...* p. 5.

¹³¹ NOVIKOVA, Olga. *La política de la memoria...*p. 84.

Como Anna nos disse, a frustração com o período *pós-Brejev* foi essencial para que ela e muitos outros abraçassem as políticas reformistas de Gorbachev. Portanto, buscamos compreender um pouco mais o que significou para ela essa frustração, e, não obstante, como ela reconstituiu o desencadeamento da *Glasnost* e da *Perestroika* e a sua relação com o passado a partir dela. Tais questões, evidentemente, se articulam com a sua trajetória em meio ao que agora chamamos de “águas mais turbulentas” da sua memória – a *Nova Guerra Fria*, a *Perestroika* e a *Glasnost*, a Guerra do Afeganistão e a participação soviética em outros conflitos, o acidente de Chernobyl... Uma variedade de conceitos e acontecimentos que ganharam protagonismo no cenário da última década da URSS e, também, nas memórias de Anna, que deixou posteriormente a ex-URSS, ao final destes acontecimentos.

2. 1. VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA (OU A GUERRA FRIA E A VISÃO DO OUTRO)

Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para gente namora.¹³²

Pasárgada, hoje em ruínas, foi uma cidade dos tempos da Pérsia Aqueménida, dos reis Ciro, o Grande a Dario III. O poeta brasileiro Manuel Bandeira parodiou a Pasárgada histórica em um reino imaginário, onde os seus moradores desfrutariam plenamente de inúmeros prazeres. A evasão para outra realidade, diferente da do autor, é uma fuga para uma espécie de paraíso. Pasárgada é uma alegoria do paraíso, a representação do “mito da felicidade”, onde tudo é permitido vivenciar.¹³³ E por que trouxemos este poema? Porque o poema de Manuel Bandeira foi à metáfora que Anna utilizou para se referir aos EUA quando conversamos sobre a Guerra Fria.

¹³²Trecho da penúltima estrofe do poema *Vou-me embora pra Pasárgada* do escritor Manuel Bandeira. Disponível em: <<http://files.literaturaesociologia.webnode.com.br/200000009-ef526f04c6/Manuel-Bandeira-Libertinagem.pdf>> Acesso em 14 de setembro de 2018.

¹³³Cf. DA SILVA, Ana Valéria Coimbra. Vou-me Embora pra Pasárgada: Intertextualidades. In: *Revista Vozes dos Vales da UFVJM*: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012. p. 6. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Vou-me-embora-pra-Pas%c3%a1rgada-intertextualidades_ana-val%c3%a9ria.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2018.

Embora compreendemos a Guerra Fria além do simples confronto bipolar em si, mas este como um “condutor de descargas elétricas” segundo Davis,¹³⁴ outros historiadores procuram acrescentar o caráter “multifacetado” do conflito, explicável a partir da análise das suas transformações. Para isso buscaram explicar a Guerra Fria através de fases.¹³⁵ Contudo, é claro, a memória sobre as experiências não é reconstituída a partir da historiografia, no sentido de lembrar seguindo uma coreografia histórica *a priori*, e nem seria o nosso objetivo afogar tais lembranças nesta coreografia. Como mencionamos em nossa Introdução, é necessário observar como a nossa personagem experimentou e percebeu tais acontecimentos.

Em outra entrevista, no dia 13 de setembro de 2018, observamos como Anna sentia a Guerra Fria – se sentia um medo, real ou abstrato, ou se sentia ameaçada. Motivados tanto pelo objetivo de analisar a interiorização deste processo quanto pelo que Anna nos disse na entrevista anterior em relação a sua formação profissional, isto é, de que ela e seus colegas de curso eram considerados “soldados e combatentes do front da Guerra Fria”. Naquele momento se referindo a sua formação propriamente. Assim, obtivemos que, para Anna, com o *degelo*, e especialmente a partir da *Era Brejnev*, houve de certa forma uma aproximação entre a URSS e os EUA, de modo que o país pode ser visto, não como um “amigo”, mas como um lugar, ofuscadamente, “misterioso”¹³⁶ – em suas palavras:

Um país onde tu podes resolver as questões econômicas, de dia a dia, nas roupas, na música... que poderia resolver e a gente ficaria ‘felizes para sempre’[...] ‘Eu vou pra Pasárgada’, o que é Pasárgada? É aquele lugar imaginário na verdade [...] É uma questão meio psicanalítica, mas a gente se sentia sabe... tu meio que aguenta, porque tu sabe que no fim, no fim, no fim do dia se tu quiser muito uma coisa imaginária tu podia fugir para lá, que era no caso EUA, e também a Europa Ocidental, mas mais [EUA].¹³⁷

Anna revela uma face interiorizada da Guerra Fria, em que um dos pólos, em dado momento, é percebido como um lugar “imaginário”, usando a Pasárgada de Bandeira como

¹³⁴DAVIS, Mike. Op. Cit., p. 70.

¹³⁵VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O século XX - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras - Vol. 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 195-225. Cf. SARAIVA, J. F. S. Dois gigantes e um condomínio: da guerra fria à coexistência pacífica (1947-1968). In: _____. (Org.). *História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008 a. _____. *Détente, diversidade, intranquilidade e ilusões igualitárias (1969-1979)*. In: _____. (Org.). *História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008b. ALMEIDA, P. R. As duas últimas décadas do século XX: fim do socialismo e retomada da globalização. In: _____. (Org.). *História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

¹³⁶SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II* [set. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

¹³⁷SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

metáfora. Á partir é claro, de uma memória com cruzamentos no presente e com o deslocamento. Neste sentido, como afirma Thomson, de maneira mais geral, “as formas pelas quais as histórias de vida são narradas — as ênfases e os silêncios, os padrões linguísticos e as metáforas — podem ser altamente reveladoras da natureza e do significado da experiênciados migrantes.”¹³⁸

Por outro lado, adiante também sublinha uma visão negativa dos EUA, principalmente em relação aos efeitos do capitalismo naquela sociedade, mas que também eram vistos com algumas dúvidas:

Quando mostravam, por exemplo, algumas... porque é Guerra Fria, tem que mostrar algumas coisas negativas... então mostravam, por exemplo, algumas pessoas na rua, dormindo, os sem teto... as atrocidades que aconteciam. Quando a gente olhava, meio que... não com desconfiança, mas dizendo ‘a mas sei lá se é assim’. É, é verdade. E eu acho que agora, do ponto de vista de morar 25 anos no capitalismo, eu não sei como a gente não acreditava. Acreditava, mas com ressalvas sabe.¹³⁹

Comumente a memória pode nos parecer como algo enraizado no passado, ou, na caricatura de Menezes, encarregada de ser um “almoxarifado do passado.”¹⁴⁰ No entanto, segundo este, é fundamental destacar a relação da memória com o tempo presente, pois “[a] elaboração da memória se dá no presente e para responder solicitações do presente.”¹⁴¹ Segue dizendo que, é do presente que a rememoração recebe incentivo, “tanto quanto as condições para se efetivar.”¹⁴² O situar-se de Anna, “do ponto de vista de morar 25 anos no capitalismo” é tanto uma contraposição entre formações sociais quanto uma articulação com o presente, que “pode inverter radicalmente o valor original de um objeto passado.”¹⁴³ De modo que, a própria metáfora da Pasárgada é uma elaboração no presente, dentro destes “25 anos no capitalismo” do Brasil.

Em relação às duas visões ressaltadas sobre os EUA na Guerra Fria é importante distingui-las: a primeira, enquanto um lugar “imaginário”, que era possível fazer inúmeras suposições sobre a sua formação social, e a segunda, enquanto um lugar que suscita muitas dúvidas em relação à forma como era representada na URSS. Ambas as visões, no entanto, estão articuladas e relacionadas ao próprio desconhecimento de outra realidade. O que, de fato, é importante destacar, pois Anna se refere ao desconhecimento da formação social norte-

¹³⁸ THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p. 357.

¹³⁹ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁴⁰ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Op. Cit., p. 11.

¹⁴¹ Idem, *ibidem*.

¹⁴² Idem, *ibidem*.

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

americana, seu estilo de vida, propriamente dito. Mas, por outro lado, faz questão de lembrar que sempre teve acesso ao que ela chama de “literatura ocidental”, isto é, romances, poesias, ensaios e demais obras de toda ordem. Celebrando, inclusive, autores como Jack London, Ernest Hemingway e William Shakespeare, que segundo ela eram traduzidos tanto para o russo quanto para o ucraniano, ao lado dos “clássicos” da Europa Oriental como Aleksander Púchkin – seu acesso se deu especialmente pela sua formação na Faculdade de Letras.

Sobre a ameaça que era a Guerra Fria, no sentido desta se tornar uma guerra quente dentro do território soviético, Anna recorda da preparação, ou treinamento, que era praticado desde criança. Como a “preparação para ataque nuclear, uso de máscara, montando e desmontando Kalashnikov, isso a gente fazia tanto no segundo grau quanto na faculdade, que para nós eram quatro anos de tradução militar.”¹⁴⁴. Recorda especialmente que seu marido Oleg, antes de se formar foi convocado pelo Exército para a Guerra do Afeganistão, depois do segundo ano da Faculdade. Oleg foi encaminhado para a fronteira do Turcomenistão. Anna recorda de tê-lo visitado em Mary, capital da província de mesmo nome, no sudeste do país – limite com o Afeganistão

Fazendo um breve parêntese, segundo as análises historiográficas de que nos valem, é importante contextualizar este cenário da Guerra Fria, que foi denominado tanto de *Nova Guerra Fria* quanto de *Segunda Guerra Fria*, compreendendo o período que vai de 1979 a 1985. Essa fase foi marcada, sobretudo, pela expansão dos gastos militares dos EUA e as crises em pontos estratégicos de ambas as potências. Na esteira dos conflitos deste período se desenrolou em especial a ocupação soviética do Afeganistão. Este país mantinha fortes laços com a URSS, principalmente pelos acordos de cooperação econômica e militar, que vinham sendo renovados continuamente desde 1924 – o Afeganistão foi o primeiro país do mundo a estabelecer relações diplomáticas com a URSS em 1919.

De acordo com o historiador Paulo Gilberto Fagundes Vizentini, o Afeganistão oferecia “a segurança de que a URSS necessitava em sua fronteira sul, possibilitando uma cooperação somente perturbada após a implantação da república, em 1973, pelo príncipe [afegão] Daoud.”¹⁴⁵ A partir daí as alianças externas foram modificadas, com a aproximação do Irã, Paquistão e EUA, e, internamente, começou uma perseguição às minorias de esquerda

¹⁴⁴SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁴⁵VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Afeganistão: Obscurantismo, Drogas e Geopolítica. In: *Educaterra*, 2001. p. 1. Disponível em: < <https://bit.ly/2O7rSPR>>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

urbana – reunidas no PDPA¹⁴⁶. Essas, por sua vez, reagiram em 1978, desencadeando a *Revolução de Abril*, que contou com o apoio do Exército. Tão logo o novo governo – apoiado pela URSS – implementou um programa de reformas, a facção moderada do PDPA e os setores religiosos conservadores do Afeganistão formaram uma oposição armada ao governo, levando a uma guerra civil.¹⁴⁷

O envolvimento militar direto da URSS na Guerra do Afeganistão, que durou de 1979 a 1989, é lembrado por Anna justamente pela participação de Oleg no Turcomenistão. Quando perguntamos sobre as conversas que eles tinham, e mesmo que ela tinha com outros familiares sobre a guerra, Anna recorda da retirada do Exército Soviético entre 1988 e 1989 – marcada pela travessia da *Ponte da Amizade Afeganistão-Uzbequistão*¹⁴⁸ – e do sentimento que sentiu naquele momento, pois “em [19]89 começaram a retirar as tropas, e foi visto na televisão como um sinal legal, olhando para trás eu digo ‘ta então tem mudanças’, a gente não viu isso como um fracasso.”¹⁴⁹ O fim da participação soviética na guerra – durante a *Era Gorbachev* – foi recebido como algo positivo, tanto pelo retorno de Oleg quanto por um sentimento de mudanças em relação a este conflito da Guerra Fria em especial – legado pela *Era Brejnev*.

Em paralelo a isso, em nossa primeira entrevista, Anna havia comentado brevemente sobre a participação de Oleg na guerra, porém não atentamos para isso naquela ocasião. Entretanto, percebemos que neste momento cabe trazer o que foi dito, principalmente pela relação de alteridade que se estabelece com a sua visão sobre os EUA na Guerra Fria em nossa segunda entrevista. Anna disse o seguinte: “Esse livro *O caçador de pipas*, quando eu li, eu vi que era a visão deles, dos afegãos, sobre o Exército Soviético.”¹⁵⁰

O livro *O caçador de pipas*,¹⁵¹ do escritor afegão Khaled Hosseini, publicado em 2003, foi lido por Anna quando esta já vivia há muito tempo no Brasil, contudo, a sua menção é justamente para situar a sua condição em relação a um “outro”, no caso, ao povo afegão, e como este observa o Exército Soviético, o que seria o “seu lado”. Reflexão semelhante aos

¹⁴⁶O Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA) era integrado por membros da classe média urbana e oficiais, e formado por uma facção radical (*Khalk*) e outra moderada (*Parcham*). Idem, *Ibidem*, p. 2.

¹⁴⁷POWASKI, Ronald E. Op. Cit., p. 275.

¹⁴⁸ Em 14 de abril de 1988, as partes opostas no Afeganistão assinaram um acordo, com os EUA e a URSS como fiadores, que exigiam a retirada das tropas soviéticas entre os 15 de maio de 1988 e 15 de fevereiro de 1989. POWASKI, Ronald E. Op. Cit., p. 316.

¹⁴⁹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁵⁰SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹⁵¹Cf. HOSSEINI, Khaled. *O caçador de pipas*. São Paulo: Globo, 2013.

condicionamentos sociais da sua formação social – explorados no capítulo anterior – em que procurou distanciar-se de formações sociais que não eram as suas, ou, em outro movimento, ressaltar a percepção que tinha a partir da sua formação social, como em relação ao “mito do paraíso” dos EUA, ou a desconfiança das visões negativas.

A análise da interiorização da Guerra Fria na trajetória de Anna é também um convite para compreender os riscos e tomar certos cuidados em relação à memória e possíveis generalizações. Como Anna havia dito na nossa primeira entrevista “a gente tá falando da minha experiência pessoal... depois no teu trabalho de pesquisa [dá para ver] que também não foi sempre muito homogêneo, as Repúblicas Asiáticas [por exemplo] a gente não vai entrar.”

¹⁵² Visão particular interna que também compreende a alteridade de sua própria sociedade, e que se contrapõem a descrição altamente normativa da URSS com a palavra “império”, por exemplo – que foi particularmente aplicado nos anos 1980 como “império do mal”, “the evil empire”, pela famosa frase do presidente dos EUA Ronald Reagan, – mas que também suscita o que poderíamos chamar de “questão nacional”.¹⁵³ Como afirma Suny, um país que se compôs, ao mesmo tempo, de unidades territoriais com amplos privilégios culturais e uma economia única e integrada.¹⁵⁴

Noutra lembrança, ainda sobre a Guerra Fria, Oleg, como também mencionou anteriormente, trabalhou como tradutor militar em Angola, entre seis e sete meses. Experiência que voltou a mencionar em outra entrevista, em 25 de outubro de 2018:

A.S. - Oleg foi para Angola pelo Ministério da Defesa da URSS, não da Ucrânia [...] Não eram tropas na verdade, foram especialistas soviéticos, médicos, militares, era ajuda no caso.

L.G. – Ajuda internacional.

A.S. - Ajuda direto. Porque por exemplo, era a guerra civil, não foi a URSS que desencadeou essa guerra, os EUA se meteram. Então tinham os tradutores, os engenheiros, engenheiros militares, para ajudar a reconstruir, nunca era ‘sair atirando por todos os lados’ um contra o outro, não era, era para reconstruir, ajudar. Por exemplo, o pessoal que foi machucado na guerra civil.¹⁵⁵

¹⁵²Entrevista 1.

¹⁵³Cf. LOSURDO, Domenico. Marx, a questão nacional e colonial e o “socialismo real”. In: _____. *Marx e o balanço histórico do século 20*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois: Anita Garibaldi, 2015. p. 164 – 188.

¹⁵⁴SUNY, Ronald Grigor. Op. Cit., p. 88.

¹⁵⁵SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista III* [out. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (21:03).

É importante ressaltar também que a direção política da URSS passou a ter uma maior atenção ao chamado *Terceiro Mundo*,¹⁵⁶ depois da Segunda Guerra Mundial e especialmente, depois da morte de Stalin em 1953. Marco importante para a política soviética foi o ano de 1960 celebrado como o “ano de África”, em referência ao fato de que nesse ano foram proclamadas dezessete independências de novos Estados africanos. Em relação a Angola, o envolvimento soviético nos conflitos aumentou com o *Tratado de Amizade e Cooperação entre a URSS e Angola*, assinado em Moscou a 8 de Outubro de 1976.¹⁵⁷ O contexto que Anna nos traz, no entanto, se refere a 1990 e, evidentemente, seguindo a alteridade que viemos sublinhando até agora, revela a sua visão em relação a estes eventos, a partir é claro de seus condicionamentos sociais, como as funções realizadas por Oleg em Angola.

As memórias de Anna são profundamente influenciadas pela sociedade e pela época em que ela viveu, são assim memórias sociais. Não obstante, outra característica que aproxima muito a memória da História, é a articulação entre vivências individuais e grupais, experimentadas diretamente, com as vivências não experimentadas. Essa reflexão se aproxima muito da memória “por tabela” que já discutimos através dos pressupostos de Pollak. Contudo, a narrativa de Anna sobre os acontecimentos marcantes da Guerra Fria não são vivências antigas, experimentadas por antepassados e socializadas politicamente ou historicamente – embora não tenham sido experimentadas diretamente. Desta vez estas estão assentadas no seu tempo, o que nos leva a refletir sobre o que historiadora Janaína Amado chamou de “memórias dos outros”, que seriam as “vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias.”¹⁵⁸ Essas apropriações, diretas ou indiretas, marcam a sua narrativa, principalmente sobre a atuação de Oleg em missões do Exército Soviético dentro do escopo da URSS. Por outro lado, também se articulam com o situar-se de seus condicionamentos sociais, pois, como afirma Amado, a memória é formada por “episódios e

¹⁵⁶Esse conceito surge a partir da *teoria dos três mundos*, desenvolvida pelos ideólogos maoístas no contexto da chamada Revolução Cultural na China, iniciada em 1966. Em contraponto a bipolaridade entre EUA e URSS, essa teoria preconizava a existência de três mundos, em que os soviéticos representavam o *segundo mundo*, que não possuía interesse na descolonização dos povos subordinados ao *primeiro mundo*, representado pelos norteamericanos. De modo que, os povos subordinados corresponderiam ao *terceiro mundo*, um campo amplo de países descolonizados e movimentos de libertação nacional, sobretudo, em África, Ásia e América Latina. Para ver mais: ROUSSET, P. A teoria dos três mundos. In: MANDEL, E; S, Wu; ROSSI, C.; ROUSSET, P.; LEW, R.A *China antes e depois de Mao*. Lisboa: Edições Antídoto, 1977. p. 187-191. E Cf. LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental. Como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo, 2018.

¹⁵⁷FRANCISCO, Alberto André Carvalho. *A política externa de Angola durante a Guerra Fria (1975-1992)*. Brasília: UnB (Dissertação de Mestrado), 2013. p. 59-60.

¹⁵⁸AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História*, São Paulo, 14: 125-136, 1995. p. 132

sensações que vivemos e que outros viveram.”¹⁵⁹ Assim, poderíamos cair perigosamente em uma percepção da grande ênfase na “marca” da experiência militar, que emerge, sobretudo, em relatos sobre a sua formação e a sua família e marido. Todavia, como havíamos mencionado, a guerra, o serviço militar, são aspectos tensionados por diferentes condicionadores e laços históricos – políticos, sociais, ideológicos, etc. – da formação social soviética.

Sob o ponto de vista da Guerra Fria, a presença soviética no Afeganistão e em Angola, além de serem exemplos das políticas internacionais da URSS, também expressam os custos de defesa crescentes para apoiar o *Terceiro Mundo* – aspecto de interesse de estudos sobre a dissolução da URSS que mencionamos. Embora o número destes países tenha aumentado durante a era Brejnev, a maioria deles era relativamente subdesenvolvido e dependia da ajuda soviética. Gorbachev quase que imediatamente reduziu as obrigações da URSS no *Terceiro Mundo* e evitou o estabelecimento de novos compromissos.¹⁶⁰ Para Segrillo, contudo, a questão que permeia o papel do armamentismo soviético na economia é controversa, ou seja, “altos gastos militares ajudam ou atrapalham a economia?”, pois existem exemplos de gastos militares que ajudaram as economias – por exemplo:

foi apenas com a Segunda Guerra Mundial (e a recuperação que se seguiu a ela) que os EUA (e o mundo em geral) saíram definitivamente da crise iniciada em 1929. As encomendas de fornecimento geradas pela Guerra da Coreia estimularam muito a economia da Ásia, especialmente a do Japão.¹⁶¹

Por outro lado, várias guerras trouxeram gastos militares que formaram um “fardo” pesado para certas economias nacionais, como durante a Primeira Guerra Mundial, ou a Guerra do Vietnã.¹⁶² A questão das despesas militares no caso soviético deve ser colocada em outros termos. Como afirma Segrillo, não se pode dizer que os gastos militares soviéticos foram fatores determinantes para a desaceleração econômica do país na *Nova Guerra Fria*, mesmo que fossem pesados para a URSS, mas que estes não foram acompanhados por um padrão de vida crescente para os seus habitantes.¹⁶³ A frustração com o período *pós-Brejnev* que Anna nos conta, tem uma ênfase muito mais política do que em relação a outros aspectos, como o armamentismo proveniente da Guerra Fria, por exemplo. Assim sendo, observaremos

¹⁵⁹Idem, *ibidem*.

¹⁶⁰Ele decidiu reduzir a ajuda soviética em Nicarágua, Camboja (Kampuchea), Angola e Etiópia, além de encerrar a intervenção militar no Afeganistão. POWASKI, Ronald E. *Op. Cit.*, p. 31.

¹⁶¹SEGRILLO, Angelo. A Economia Armamentista da URSS. In: *Rússia, Ontem e Hoje: Ensaio de Pesquisadores do LEA Sobre a História da Rússia*. p. 33. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

¹⁶²Idem, *ibidem*.

¹⁶³Idem, *ibidem*. p. 36-37.

nos próximos parágrafos e, também, os nossos últimos, as memórias da sua vida em relação à nova política da URSS com Gorbachev, bem como as suas experiências neste período conturbado.

2.2. GLASNOST E PERESTROIKA: O PRESENTE COMO CONTINUIDADE

Reconstruir o período de turbulências e de mudanças drásticas na vida de Anna, principalmente o de deixar o seu país, está centrado em torno de um processo de disjunção aguda.¹⁶⁴ Em que se apresenta, ao mesmo tempo, uma necessidade de construir identidades e histórias de vida coerentes, e, as dificuldades destas.¹⁶⁵ Assim, mais um “recuo” para reconstituir estas memórias é feito por Anna para falar sobre esta época. Próximo ao término da nossa primeira entrevista, em que falávamos sobre o curto secretariado de Tchernenko, já idoso e com pouca ação, ela relembrou este período com intercruzamentos de análises históricas contemporâneas, em que o secretário é visto como o representante de um mandato “tampão”:¹⁶⁶

A. S. – O Tchernenko, ele não fez nada. Ele só ficou lá convalescendo sabe... o Politburo. Ficava lá meio que de fachada. Não aconteceu nada durante.

L.G. – Era a imagem dele?

A .S. – É, era a imagem dele, e não tava acontecendo nada. E podemos dizer, isso eu também já li depois, ai eu disse ‘ah’, eu não sabia. Mas que tava começando essas forças dentro... que acabaram. Inclusive a formação de Yeltsin. Da onde que surgiu essa pessoa? Exatamente nesse íterim. Prá nós a *fachada* ta tudo bem, *a gente ta seguindo*, a gente ta construindo, *indo rumo ao comunismo*. Enquanto isso, todas essas falcatruas começaram a se formar [grifos].¹⁶⁷

O íterim que Anna mencionou corresponde justamente aos curtos secretariados de Andropov e Tchernenko, que segundo ela tiveram pouca ação, e mesmo as tentativas de renovação do primeiro foram muito sutis, como já havíamos mencionado. Assim, observamos que a visão retrospectiva deste passado é crítica, e muito baseada em leituras, interpretações e estudos realizados no presente. Não apenas em relação ao “tampão”, ou em suas palavras a “fachada” que representou Tchernenko, mas também a burocracia soviética do PCUS como um todo, não individualmente – a chamada *Nomenklatura*.¹⁶⁸ Na reconstrução deste passado

¹⁶⁴ THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p. 358.

¹⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶⁶ Tchernenko morreu em abril de 1985, sendo sucedido por Gorbachev.

¹⁶⁷ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁶⁸ Termo da linguagem burocrática soviética que se referia ao fato do PCUS manter listas internas – classificadas e hierarquizadas – com os nomes dos indivíduos que ocupavam cargos dirigentes. Com o lançamento do livro *A nomenklatura* de Michael Volenskii em 1980 o termo se popularizou no Ocidente. Nesta obra, o autor, que fez parte dos altos escalões da URSS, descreveu o funcionamento das camadas dirigentes do poder soviético, em

também é colocada em questão a cotidianidade, pois Anna estabelece uma relação de continuidade do dia a dia naquela época – “a gente tá seguindo”; “indo rumo ao comunismo”; – sem saber das supostas “forças” de dentro do PCUS, que estariam de certa forma ocultas da sociedade.

Resgatamos esta passagem da primeira entrevista porque Anna, mais adiante, concebeu também o que foi para ela a frustração com o período *pós-Brejnev*, que está intimamente ligada a chegada de Gorbachev: “Então, quando chegou o Gorbachev, ainda com esse discurso, eu disse ‘ufa que alívio’. E aí a abertura, como se fosse dar uma arejada.”¹⁶⁹ A experiência da “perda” de seu país, assim como de seu deslocamento, é fundamental na sua fala sobre este período e principalmente na sua visão em relação a política soviética. Destacamos três ângulos diferentes dessas suas narrativas: a) a visão que ela considerava ter naquele momento sobre o período *pós-Brejnev*, que com Tchernenko é descrito quase que como um período natimorto, mas que apesar disso, a sua vida, no nível do cotidiano, seguia como uma continuidade; b) o posicionamento crítico a este período, baseado no presente e na experiência do deslocamento, em que coloca que por trás da aparente apatia do Estado existiam forças em disputa, muitas delas antagônicas ao próprio caráter do Estado soviético – como veremos mais adiante – mas que eram desconhecidas do público, e; c) a aparência do Estado aquela altura, que levou a uma visão positiva da chegada de Gorbachev ao poder, especialmente em relação ao seu discurso reformista.

Mais adiante, em relação ao PCUS, Anna lembrou que em algum momento o seu pai, Yakov, foi convidado para se tornar membro. Todavia, este não teria aceitado:

Uma vez a gente... isso já depois do fim da União Soviética, inclusive durante a minha viagem... a primeira viagem daqui do Brasil, isso depois de uns 13, 15 anos aqui no Brasil [...] A gente sentou e falávamos... aí eu perguntei: ‘Pai por que tu não quis entrar?’. Ele disse: ‘Lembra, uma vez eu te falei’. Porque disseram para ele: ‘Se tu quer seguir com teu mestrado, na carreira acadêmica, mas também administrativa, e tu tens todas as possibilidades, tem que entrar no Partido Comunista’. E aí ele mesmo, eu lembro a gente sentado na cozinha e aí ele disse: ‘É... mas eu vi que muitas vezes e muitas pessoas escolheram isso para se auto promover, e não acreditando nisso’. E ele disse que ele não quis, e que também conheceu muitas pessoas que foram. [...] E isso é uma realidade, quando era no começo... no caso, o Partido Comunista, eram umas pessoas que... muitos deles morreram nos campos batalhando com o nazismo. Que entravam porque não sabiam como não entrar. Porque era o *Homem Novo*, a gente nova... *para construir uma sociedade nova*.

termos de exploração de classe. Volenskii caracterizou a *nomenklatura* como uma classe diferenciada das outras, não como um estrato social. No entanto, teorias sobre a burocracia soviética foram expostas por diversos autores, antes mesmo de Volenskii, como Leon Trotsky, Ernest Mandel, etc. SEGRILLO, Ângelo. *O declínio da URSS...* p. 185 – 186.

¹⁶⁹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

Mas passou a ser depois uma questão meio burocrática, pra ti *seguir carreira*.
[grifos] ¹⁷⁰

Os pais de Anna permaneceram na Ucrânia mesmo após a dissolução da URSS, ela não recorda em que momento exatamente seu pai teria sido convidado para entrar para o Partido, apenas que nesta época eles já moravam em Kiev e que ele estava concluindo o mestrado. No entanto, para contar esta história de seu pai, Anna recorda da primeira viagem que fez a Ucrânia após ter deixado seu país em 1992. Nesta recordação ela destaca mais uma vez o papel da burocracia soviética, desta vez através da “memória de outro” – no caso seu pai. A burocracia é tomada pelo ângulo do posicionamento crítico, em que a “autopromoção”, ou os benefícios de ser membro do Partido, são colocados como elementos contraditórios por si só, sobretudo, em relação à origem do PCUS. A memória da Grande Guerra Patriótica, o impacto e os esforços dos antepassados que lutaram e trabalharam para reconstruir a URSS, são colocados como o grande contraponto aos caminhos e descaminhos tomados pelo Partido – em especial nas décadas finais da URSS.

Em outra entrevista, instigados por essa proposta que seu pai recebeu para se tornar membro do PCUS, perguntamos se Anna teve algum outro conhecido, familiar, amigo, vizinho, que foi membro ou que ela soubesse que também foi convidado. E assim ela nos disse que:

Infelizmente não. [...] Os melhores membros do Partido Comunista, ainda talvez porque a gente ta falando de 1940, a reconstrução do país, anos [19]20, [19]30, os melhores membros, realmente as pessoas que eram assim, comunistas como deveriam ser...como a gente entende, o entendimento... eles todos pereceram, foram mortos, muitos nas primeiras fileiras, a defender o seu país. Então, eu acho que a União Soviética nunca conseguiu se reconstruir [...] Depois, na reconstrução da União Soviética, depois da Grande Guerra Patriótica foi tipo ‘*como reconstruir?*’, reconstruir o mais rápido possível [...] Mas não ‘*pra que?*’, e quando tu não foca ‘*pra que?*’, o que a gente ta construindo? O que a gente ta construindo? *Socialismo e tudo mais?* [...] A gente perdeu de vista, foi visto como se fosse para tu... na verdade, dar uma... um pouco de aceleração na tua carreira acadêmica, política... porque os privilégios, a elite partidária, burocrática partidária. [grifos] ¹⁷¹

Podemos perceber que mais uma vez a Grande Guerra Patriótica é evocada e ganha papel de destaque em sua narrativa, assim como outro elemento, que já havia surgido na primeira narrativa, mas que agora ganhou maior protagonismo, isto é, a ideologia marxista – colocada nos termos da construção do socialismo soviético. Cabe ressaltar, segundo Novikova, que depois da Revolução de Outubro, o Partido tentou projetar uma imagem de

¹⁷⁰SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹⁷¹SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

unidade ideológica, sem fissuras.¹⁷² Tal projeção esteve no bojo do “enfrentamento ideológico” – em maiores ou menores graus conforme cada período. Por outro lado, também manifesta uma realidade social concreta: a guerra civil, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Voltamos então ao *triumfalismo* da *Era Brejnev*, e, como afirma Zhurzhenko, esta unidade necessitava de sentidos – e assim:

[o] sentido de um destino comum, de pertencer a um ‘nós’, que hoje é muito esquecido, inspirou-se na construção da Grande Guerra Patriótica formada na década de 1970. Parece que, com o passar do tempo, essa construção, em vez de se tornar obsoleta, ganhou importância.¹⁷³

Apesar disso, para Novikova, o passado, seja ele da *Grande Guerra Patriótica* ou não, impôs os seus custos à ideologia marxista, que por sua vez teve o seu apelo estremecido para a maioria da população, incluindo os próprios membros do PCUS que, entre outras coisas, ajudaram a modificara percepção da história.¹⁷⁴ Em suas palavras:

[o] futuro perdeu seu papel dominante na ideologia e seu lugar foi ocupado pelo passado, que passou a ser visto como o receptáculo onde valores eternos, as chaves para a identidade nacional eram valorizados, assim como as respostas aos problemas que eram levantados na atualidade[...] O passado começou a ser percebido como algo irrevogavelmente perdido, irrecuperável, ao mesmo tempo transcendental, quase sagrado, cujos vestígios mais minuciosos deveriam ser cuidadosamente reconstruídos.¹⁷⁵

A visão de Anna sobre o PCUS, nas últimas décadas de existência da URSS, é atravessada pela memória da *Grande Guerra Patriótica*, de modo que concebe, além de uma apatia, um afastamento deste em relação as suas origens, aos seus antigos membros, que lutaram nas principais guerras que a URSS teve que enfrentar, e, até mesmo, da ideologia marxista. Segunda Anna, se comentava na época que existiam dois “tipos” de membros do PCUS: “a gente falava, comunista de verdade, de carteirinha, e comunista assim, burocrata.”

¹⁷⁶ Portanto, a “estagnação” a que se referiu Gorbachev é para Anna tão política quanto econômica. Como ela afirma, o discurso reformista de Gorbachev foi recebido com “alívio”

¹⁷²Embora na realidade fosse composto por diferentes famílias, grupos, com diferentes lealdades ideológicas e pessoais. Contudo, como dissemos, se trata de uma projeção. NOVIKOVA, Olga. *Rusia, 1917...*p. 28.

¹⁷³ZHURZHENKO Tatiana. *Geopolitics of memory...*p. 6.

¹⁷⁴NOVIKOVA, Olga. *La política de la memoria*. p. 79.

¹⁷⁵Por outro lado, este passado também “manifestou-se no surgimento de um movimento literário cujos representantes idealizaram o desaparecido mundo rural, os modos tradicionais de vida destruídos pela rápida modernização do país. Dentro desse movimento, que encontrou admiradores nos mais altos círculos do poder soviético, uma ideologia nacionalista desenvolveu-se, de uma maneira semilegal, cujas primeiras bases foram estabelecidas durante o degelo e que reivindicaram para si mesmas, sem muita fundação, a herança eslavófila. Idem, *Ibidem*.

¹⁷⁶SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

na época, uma mudança “bem vinda” em relação ao período de Brejnev e ao ínterim de Andropov e Tchernenko, para dar uma “arejada”:

mencionei isso e acho que ajuda a gente a entender porque que todo mundo meio que abraçou a Glasnost. Porque tinha a impressão Lúcio que, sabe, um funcionário altíssimo de Nomenklatura, decrépito, trocando assim... uma troca que não... na verdade não trás... só traz um pouco... [de mudança]¹⁷⁷

Para Albuquerque a escolha de Gorbachev para suceder Tchernenko representou a vitória dos setores mais reformistas do PCUS, mas não se pode falar em uma derrota completa dos mais conservadores, pois muitos deles continuaram a ocupar postos no Politburo e no Comitê Central, oferecendo resistência às políticas reformistas.¹⁷⁸ Por outro lado, os aliados de Gorbachev não comungavam necessariamente dos mesmos objetivos. A união destes se baseava no diagnóstico de que o sistema estava em crise e que precisava ser reformado, e a resposta a isto podia variar consideravelmente.¹⁷⁹

Convém sublinhar também que o processo de implantação da *Perestroika* foi gradativo, afinal a URSS era um sistema em industrialização em que todos eram integrados. Assim, entre 1985 e 1987, que Segrillo chama de “fase de descentralização socialista”, as tentativas de expansão das experiências de autonomia empresarial geraram resultados abaixo do esperado – por conseguinte:

[o] ano de 1987 marcou a guinada do governo para implementar na prática os slogans de ‘autofinanciamento’, ‘auto-gestão’ ‘descentralização do poder econômico e político’, etc. [...] O discurso oficial até então, sempre sustentou que as medidas adotadas visavam a ‘fortalecer o socialismo’, tornando-o mais dinâmico e retificando deficiências do passado [...] De uma maneira geral, a lógica de todo o período 1985 – 1987 era de uma ‘descentralização’ do poder decisório e da administração econômica (auto-financiamento das empresas, auto-gestão, maior poder das instâncias locais de governo e partido, etc.) a fim de aumentar a iniciativa individual e local para a tentativa de retomada (aceleração) do crescimento econômico e do progresso científico-tecnológico.¹⁸⁰

A *Perestroika*, lançada oficialmente em 1987, compreendia então tanto uma reforma econômica quanto uma reforma político-institucional, baseada no processo de abertura democrática, a *Glasnost*. Segundo Pomeranz, a primeira deveria ser implementada através da

¹⁷⁷ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

¹⁷⁸ ALBUQUERQUE, César A. R. Op. Cit., p 109.

¹⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁸⁰ Em 27 de junho de 1987, em reunião plenária no dia anterior, o Comitê Central do PCUS publica a ‘Regulamentação Básica Para a Reestruturação [Perestroika] Radical da Administração da Economia’. Em 30 de junho de 1987, para dar caráter legal e obrigatório a Perestroika, o Soviete Supremo aprova o decreto ‘Sobre a Reestruturação da administração da economia na atual etapa do Desenvolvimento Econômico do País’ e a lei ‘Sobre a Empresa Estatal’. SEGRILLO, Ângelo. *As Diferentes Fases da Perestroika...* p. 104 - 106.

descentralização do processo decisório e da gestão da economia, enquanto a segunda pretendia uma separação dos poderes do PCUS e do Estado.¹⁸¹

Anna se formou na faculdade em junho de 1988,¹⁸² e em agosto do mesmo ano começou a trabalhar como secretária no Departamento das Línguas Estrangeiras da Academia de Ciências da Ucrânia, no setor de proficiência em língua inglesa – responsável pelos exames de mestrado. Em meio a *Perestroika*, Anna lembra o seu primeiro trabalho:

[19]88, já Gorbachev, plena Perestroika e tudo mais, então a situação econômica estava meio que... não estavam funcionando muito as reformas do Gorbachev. O salário muito pouco, muito pouco. Eu trabalhava das 9h00... começava de manhã e sai de lá 17h30, 18h00 [...] A mãe já tava quase se aposentando, professora do colégio, e a situação não era muito legal, financeira sabe. Começou... não é que dificuldades, mas essa guinada pro... não digo capitalismo, mas essas reformas... abertura pro Mercado[...] [Começou] a inflação, que nunca existiu na União Soviética [...] Bom, aí comecei a dar aulas particulares, ainda na faculdade inclusive.¹⁸³

Uma das principais questões levantadas pelas reformas era a necessidade de melhorar o padrão de vida dos soviéticos, contudo, em muitos casos, teriam resultado mesmo na piora do padrão de vida da população, principalmente em relação ao abastecimento e ao mercado de consumo.¹⁸⁴ Segundo Segrillo, a inflação soviética era bastante baixa em níveis internacionais – antes da *Perestroika* o último aumento do preço do pão, das massas, óleo de cozinha e açúcar ocorreu em 1954, e das carnes e laticínios em 1962, levando em consideração é claro a transferência de recursos de um setor da economia para outro.¹⁸⁵ Cabe destacar que não nos propomos a discutir aqui os mecanismos econômicos da *Perestroika* e nos debruçamos sobre a vasta discussão historiográfica que corre por estas questões, devido ao fato de que esta é uma análise de trajetória de vida – assim, voltemos a ela.

Para Anna, até aquele momento, a inflação era algo desconhecido: “... começou a existir essa questão, porque tu viu que o pão custava tanto e depois passou um dia... e um dia para o outro, e tu começa ‘mas como assim?’”¹⁸⁶ Na esteira deste processo ela também recorda da diminuição da quantidade e circulação de alguns produtos, e, também, das longas filas para comprá-los: “E tu fica nessa fila, e normalmente era bom ter alguma coisa para ler... isso lembro sempre, sempre a gente reclamava, ficava as vovozinhas na fila, ouvindo as

¹⁸¹ POMERANZ, Lenina. Op. Cit., p. 57.

¹⁸² Cf. Anexos.

¹⁸³ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁸⁴ ALBUQUERQUE, César A. R. Op. Cit., p 200.

¹⁸⁵ SEGRILLO, Ângelo. *O Declínio da URSS...* p. 287.

¹⁸⁶ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

baboseiras delas [risos].”¹⁸⁷ Para Segrillo, que viveu as últimas décadas da URSS, porém como pesquisador, a impressão da grande maioria da população soviética era de que a inflação dos preços ao consumidor era bastante baixa, ou mesmo residual, antes da *Perestroika*.¹⁸⁸

Deste modo, Anna busca os sentidos pelos quais teria “abraçado” as reformas, e as visto como positivas – dadas as consequências que elas trouxeram para a sua vida e para a sociedade em geral:

De um dia para o outro com essas reformas de Gorbachev, a gente foi jogado... porque a ideia, porque apoiamos a Perestroika, dentre outras que tu ta lendo e a gente ta vendo... quais eram os lemas do começo da Perestroika em [19]85, que era um ‘socialismo melhorado’, ‘vamos dar uma aceleração’, um melhoramento dentro disso.¹⁸⁹

É importante destacar a escolha que Anna havia feito de evitar usar o termo “capitalismo”, preferindo “guinada” – para outro modelo (?) – ou “mercado”. Nesta última narrativa, sublinha que, como Gorbachev havia dito no começo, a *Perestroika* não se tratava de um desencanto com o socialismo, mas a “consciência de que o potencial do socialismo não [teria] sido utilizando totalmente.”¹⁹⁰ Anna enfatiza que a sua percepção, e a de muitos outros sobre as reformas, não era de que estas surgiram como uma via para o capitalismo. O “socialismo melhorado” ou “acelerado”, em suas palavras, deveria correr como um aprofundamento do próprio socialismo. Estes termos, e mesmo esta crítica, também são concebidos a partir da experiência migratória, sobretudo, na relação de “perda” que se estabelece entre o seu país e a implantação da *Perestroika*. Como afirma Thomson, quando se ouve “os mitos, as fantasias, os erros e as contradições da memória, e prestando atenção às sutilezas da língua e da forma narrativa, podemos entender melhor os significados subjetivos da experiência histórica.”¹⁹¹

Com a crise econômica em aberto – um dos motivos que Anna levanta para o seu deslocamento da URSS – a reelaboração deste passado é vista como uma experiência traumática, em que a testemunha busca respostas, por um lado, no presente, para justificar a aceitação da *Perestroika* e, por outro, na percepção que se tinha na época:

A gente pensava que estas questões dadas... saúde de graça, todos os programas sociais que a gente usufruía, que tu vai ter a mesma coisa, isso não vai te custar

¹⁸⁷ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁸⁸ SEGRILLO, Ângelo. *O Declínio da URSS...* p. 287.

¹⁸⁹ Entrevista 2.

¹⁹⁰ GORBACHEV, Mikhail. Op. Cit., p. 9.

¹⁹¹ THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p. 355.

nada, só que melhor e com... claro que eu tô exagerando [...] Então vai continuar com as mesmas coisas, que a gente tinha colégios de graça, faculdade de graça, espaços públicos de graça... e ao mesmo tempo tu vai ter esse diferencial, *entrar em uma loja e comprar um vinil de rock in roll abertamente*. [grifos]¹⁹²

Como afirma Thomson, “dramáticas mudanças de vida tornam irrelevantes velhas identidades e exigem drástica reavaliação.”¹⁹³ Por se tratar justamente de um período de mudanças, não apenas na vida de Anna, mas de todo o país, a constante reavaliação deste passado se faz necessária para a sua narrativa. Encontrar os “porquês”, seja na percepção passada ou na reavaliação presente, é extremamente importante, pois Anna também está nos falando das suas escolhas, dentro de um quadro de condicionamentos específicos. A frustração que ela nos contou sobre o período *pós-Brejnev* ressurge com os rumos que a *Perestroika* teria seguido, mas desta vez não como o sentimento natimorto de outrora, e sim como uma espécie de (des)caminho.

Novamente a vida cotidiana ganha atenção em suas memórias, e o “socialismo melhorado” é reinterpretado por Anna – acesso a bens de consumo “típicos” do Ocidente como um vinil de rock, por exemplo. Para Thomson, “a vida psicológica do cotidiano inclui aspirações frustradas e perdas debilitantes que tentamos administrar de forma mais segura e menos dolorosa”¹⁹⁴, em outras palavras, no caso de Anna, podemos observar a necessidade de buscar compreender os sentidos e as suas escolhas. As dificuldades financeiras, os baixos salários, as filas para conseguir alimento e as dificuldades nos empregos são colocados em contraposição as aspirações e aos projetos de futuro que Anna concebia a partir de sua formação, e até mesmo da própria projeção do seu país. Na esteira desta percepção as respostas as suas próprias indagações – “porque apoiamos a *Perestroika*?” – estão na reavaliação feita no presente, não apenas através das leituras, notícias ou debates atuais, mas também da compreensão daquela visão do passado.

O ano de 1989, com o fim da Guerra Fria dois anos antes, contou com o desmoronamento do bloco soviético no leste europeu. A começar pela Polônia em agosto, acompanhada pela queda do *Muro de Berlim* em novembro, todos os regimes socialistas foram varridos do mapa da Europa até o final do segundo semestre de 1989.¹⁹⁵ Perguntamos

¹⁹² SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

¹⁹³ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória...* p. 58

¹⁹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁹⁵ A Europa do Leste era uma questão delicada para a URSS desde muito tempo. Com a anexação depois da Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, após a invasão dos tanques do Pacto de Varsóvia para reprimir “A Primavera de Praga”, em 1968, um forte sentimento nacionalista anti-russo foi nutrido a oeste da URSS. Com a

sobre a recepção da queda do *Muro de Berlim*, e dos países do leste europeu em geral, que se avizinhavam a Ucrânia. Sobre esta questão Anna trouxe novamente a visão positiva que tinha na época, ou como ele chama “os começos” e “as mudanças”, que chegavam com a *Glasnost* e a *Perestroika*. No entanto, a reavaliação desta visão é imediata:

A queda do muro... sempre foi essa mudança... olhando sempre me pergunto ‘que mudança que a gente tava esperando?’. A gente na verdade tava esperando que as coisas continuassem, só que... vai ser igual, por exemplo na França, ou em países de sucesso, países capitalistas de sucesso. Isso foi também... olhando retroativamente, não naquele momento, mas isso a gente não sabia. Porque se mostrava pra nós, por exemplo, vamos dizer, um país como... por exemplo, capitalista periférico, a gente, não sei porque, mas isso não era salientado, e também era capitalismo [...] A gente imaginava que vai ser meio que como Nova Iorque ou Paris, só que com os mesmos direitos e as mesmas redes de proteção social que a gente tinha.¹⁹⁶

A expressão simbólica da queda do *Muro de Berlim* marcou, sobretudo no Ocidente, a falência dos regimes socialistas. Como afirma o historiador da Revolução Russa Marc Ferro, a sua queda se tornou tanto um acontecimento quanto uma memória na Europa, invadindo os canais de televisão da época.¹⁹⁷ Até aqui, em relação a estes últimos pontos levantados por Anna, apreendemos principalmente a sua constante reavaliação da percepção que tinha sobre estes acontecimentos, porém, outro elemento pode ser tensionado em relação a esta análise: o tempo. Comumente o tempo pode ser visto como uma linha contínua e homogênea – tal qual uma trajetória de vida, como critica Bourdieu – e em sua essência estaria um sucessão de eventos, tributários de causas e consequências. No entanto, como uma vida, o tempo é uma multiplicidade mutável de combinações – sem é claro romper definitivamente com todos os seus laços com o passado e com o futuro. Neste sentido, Anna também trás uma percepção sobre o tempo, que está articulado com a sua cotidianidade, isto é, a percepção de uma continuidade, quando imersa no seu devido espaço-tempo, resgatada pela memória.

Esta percepção de que “vai continuar com as mesmas coisas” ou que estavam “esperando que as coisas continuassem”, reflete tanto uma reavaliação, sob um ângulo crítico no presente, quanto um “situar-se”, também crítico, naquele momento. Contudo, a experiência

crise econômica, o cenário se complicou em vários destes países. Na Polônia, um poderoso movimento sindical heterogêneo, que deu origem ao *Sindicato Solidarnosc*, suportado pela Igreja de João Paulo II em um país de tradição católica romana e pela ajuda econômica da CIA, desafiou o regime impulsionando greves gerais. Em pouco tempo o *Solidarnosc* se transformou em um movimento de oposição organizado, que levaria seu principal dirigente, Lech Walesa, ao governo da Polônia em agosto de 1989. Segundo Rodrigues, a partir daí, a autoridade central da URSS foi questionada, elemento que funcionou para a proliferação de movimentos de oposição nos demais países do bloco, que caiu antes mesmo da dissolução da URSS. Expressão simbólica desse processo foi a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. RODRIGUES, Robério Paulino. Op. Cit., p. 214 – 215.

¹⁹⁶SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista III...*

¹⁹⁷FERRO, Marc. *A reviravolta da história: A queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p.16.

da “perda”, com laços no deslocamento, torna mais aguda a primeira reflexão – como podemos observar:

Junto com a água do banho jogamos a criança, mas isso a gente só vê agora olhando para trás [...] Ruiu o Muro de Berlim... agora que vai começar! O que vai começar? Vai continuar tudo isso [...] escolas de graça, umas melhores outras menos... faculdade de graça [...] Uma visão errônea olhando para trás [...]Por isso, muitas vezes eu digo, a União Soviética não perdeu, não perdeu, de jeito nenhum para os Estados Unidos... se for, e se é ideia, a União Soviética perdeu para o ser humano ou, talvez, a dificuldade de sobreviver num meio muito hostil... já falamos sobre isso... a Segunda Guerra Mundial que dizimou a população e pra reerguer... muitas vezes esquece o ‘porquê’, porque tem que aprender ‘como’.¹⁹⁸

“Não jogar fora a criança junto com a água do banho” é uma das principais expressões utilizadas por Anna em relação às turbulências das décadas finais da URSS, em relação tanto a *Perestroika* quanto a *Glasnost*: “Tu diz não, então não valeu a pena, só que tu pensa... e o que tu pensa? Nós pensávamos, eu e o Oleg, e eu te juro, eu pensei: ‘Tem que condenar tudo isso, quem fez isso são comunistas’. Joga tudo junto. Junto com a água joga a criança fora.”¹⁹⁹ Neste sentido, a memória da *Glasnost*, que para muitos autores como vimos foi um momento de renovação do tema da memória na URSS, também é relembrado sob um ângulo crítico:

Isso é muito perigoso, e eles fizeram isso sem nenhum escrúpulo, eu acho que na verdade... eu poderia dizer que isso é um crime, tu não pode dar essas discussões de repente [...] Então tu reclama, reclama, reclama, reclama, reclama, mas na verdade com essa reclamação tu participa nesse sistema que tu ta inserido, e é isso o que aconteceu [...] Eu não me orgulho nada... isso tu pode colocar... eu mesmo, *mea culpa*, quando lendo Plathonáv, mas inclusive o Solzhenitsyn, tu pensa ‘mas olha só como eles sem vergonhas, é o Partido Comunista da União Soviética que fez tudo isso conosco’[...] Foram desencadeados, esses autores todos foram jogados em cima da nossa cara.²⁰⁰

Perguntamos se com a transparência pretendida por Gorbachev, questões da *Era Stalin* ou outras passagens da história soviética começaram a ser discutidas, e como Anna se apropriou dessas discussões. Como observamos, Anna recorda das leituras liberalizadas pela *Glasnost* que fez, e de como condenou o passado soviético. Entretanto, reavalia a ausência de um debate público promovido pelo Estado e de uma *mea culpa* por parte deste em relação ao passado. De modo que, acaba fazendo a sua própria *mea culpa*, porém pelo fato de ter participado de uma condenação do passado soviético, que doravante “junto com a água” teria “jogado a criança fora” – dentro do horizonte da “perda”. Tal expressão busca uma síntese dos significados que Anna reconstitui em relação aos acontecimentos e aos processos que marcaram as décadas finais da URSS. As críticas a burocracia do PCUS, por exemplo, os

¹⁹⁸SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista III...*

¹⁹⁹Idem.

²⁰⁰SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista II...*

erros que aponta, o afastamento da ideologia etc., são necessárias para Anna. Todavia, a dissolução da URSS, e mesmo os descaminhos das reformas de Gorbachev, assumem a dianteira nos significados apreendidos por ela, principalmente quando a “água suja e a criança” significam a “perda”, o fim, de seu país.

Ainda sobre a *Glasnost*, esta palavra teve sua tradução elucidada – transparência – sobretudo em fins de abril de 1986, quando aconteceu a explosão do reator da usina nuclear de Chernobyl. Nesse acidente, houve ampla publicidade sobre o ocorrido e as imagens do desastre foram transmitidas abertamente dentro e fora da URSS, alavancando uma poderosa luta política a favor da aceleração das reformas.²⁰¹ Porém, para Anna, esta “arejada” que surgiu com Gorbachev, como ela nos diz, teve suas contradições. Em relação a Chernobyl, que é uma cidade próxima a Kiev, pode se afirmar que a partir do desastre a transparência ganhou força, mas no entorno e na origem deste acontecimento a transparência era ausente para Anna. E para falar sobre este acidente Anna “retorna” ao seu apartamento em Kiev, aos seus vizinhos, ao telefone e a vida cotidiana:

Não podemos esquecer que... arejada, mas quando aconteceu o Chernobyl o Gorbachev demorou muito, quase 4 dias para anunciar [...] Foi assim... foi muito interessante, inclusive, aí vamos lembrar dos nossos vizinhos de baixo. Eram de origem judaica, então tinham parentes em Israel, Estados Unidos, Canadá. [...] Então, dia 26, eu lembro...véspera de feriadão, que é dia primeiro de maio, segundo de Maio é grande... aí depois seis dias, aí 9 de Maio que era a vitória da Guerra Patriótica, ou Segunda Guerra [...] E aí, essa vizinha falou com a mãe ou mencionou alguma coisa, ‘vocês não viram nada na televisão?’ Nada. Eu acho que eles tinham parentes em Israel, dos Estados Unidos dizendo que aconteceu um acidente grande em Chernobyl. Isso dia 27. Passou. Dia 28, nada. Na televisão nada, continua na mesma. Depois começou uma balburdia. Aí alguns começaram a ligar... que aconteceu alguma coisa, um incêndio. Ninguém sabia nada, da onde que tu vai tirar essa informação. E o Gorbachev nada.

Só dia, se não me engano, dia 2 ou 3 de Maio, no caso... ele fez o anúncio, com uma voz séria, mas ele não falou que era gravíssimo. Só depois, inclusive, aqui no Brasil, já tantos anos que a gente... a gente ficou sabendo de todos os detalhes. Os filmes. O tamanho daquilo que aconteceu lá. Se ele não anunciou, porque dizem que antes de tudo inclusive, de detector... foi detectado na Suécia se não me engano. Por causa do vento... Se o vento fosse para Kiev eu nem falaria agora contigo, imagina. E foi uma parte para a Bielorrússia. Também não anunciaram nada. Só nós, no caso... quem tinha parentes começaram ‘mas como assim’. Não falaram. E tu fica na dúvida. Foi ou não foi. É um crime. Como assim, acontece isso?

[...] aí tu diz ‘não, isso é uma baderna’, esse Partido, esse Estado, o que eles fazem conosco. Se a gente soubesse, na verdade, que junto com isso, tu não só abre mão de umas pessoas que também na má-fé estavam embalando o país, tu jogou o jogo deles, jogou a carta que eles precisavam... *e pelas tantas ficamos sem país*. E quanto mais tempo passa eu... bom, mas é... *mais uma gota*. O Chernobyl para mim,

²⁰¹RODRIGUES, Robério Paulino. Op. Cit., p. 222 – 223.

olhando para trás, é uma ‘gotona’ desse tamanho. Olha a irresponsabilidade, ele não queria estragar os feriados.²⁰²

A reconstrução do acidente de Chernobyl e sua reavaliação são complexas, pois se cruzam com diversos elementos. Em primeiro lugar, Anna aponta a contradição entre o discurso do “socialismo melhorado”, com mais transparência, e a postura que o Estado e seu chefe, Gorbachev, tiveram frente ao anúncio do desastre nuclear. O cotidiano é sua principal maneira de recordar a forma “paralela” como ficou sabendo do acontecimento, e da insegurança e incerteza que isso lhe trouxe. Em segundo lugar, a crítica não recai apenas sobre Gorbachev, mas também a burocracia do PCUS que Anna já vinha sublinhando desde antes. E, por fim, destaca que estas “forças” de dentro do PCUS foram elementos constitutivos dos descaminhos das reformas, que tem em Chernobyl uma de suas expressões mais dramáticas.

Contudo, para Anna, a lógica da “água suja e da criança” se repete – “isso é uma baderna, esse Partido, esse Estado, o que eles fazem conosco”; “e pelas tantas ficamos sem país”. A crítica a este passado não é inexistente, e muito menos amena, muito pelo contrário, porém são constantemente atravessadas pelo significado da “perda”. Esta “perda” que viemos nos referindo até aqui, possui tanto um caráter concreto quanto abstrato. “Perdem-se” tanto as referências de espaço, como a casa, a faculdade, o trabalho, quanto os aspectos identitários, como a língua, as referências culturais, os costumes, etc. A “perda” não se remete apenas ao processo de dissolução “em si” da URSS, mas a de sua formação social, acompanhada pelo deslocamento. Estes dois elementos, conjugados, representam uma interrupção em uma solução de continuidade, que como Anna menciona, se esperava que “as coisas continuassem”. Tal experiência se transforma em um hiato, e, como supracitado por Thomson, acompanha o sujeito pelo resto da vida.²⁰³

Para Anna, os anos finais da *Perestroika* trouxeram um clima de “salve-se quem puder”. Em 1990 Gorbachev foi eleito Presidente da URSS e Boris Yeltsin da Federação Russa em 1991– novos cargos criados para separar cada vez mais o Partido do Estado. Nesse contexto, as repúblicas federadas começaram a se fragmentar e buscar autonomia. Na Ucrânia, após a proclamação de sua independência, Leonid Kravchuk, que até alguns meses

²⁰² SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista I...*

²⁰³ THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras...* p. 359

atrás era um proeminente líder do Partido, venceu as eleições presidenciais em dezembro de 1991.²⁰⁴

Todavia, para o casal, a possibilidade de sair do país já começava a se apresentar anos antes. Com o fim dos acordos diplomáticos da URSS com Angola e os demais países de seu escopo, as tropas de ajuda internacional que Oleg fazia parte retornaram. Segundo Anna, antes mesmo da dissolução final da URSS em 25 de dezembro de 1991, muitos cidadãos, de diversas repúblicas, já estavam procurando outros destinos. No entanto, além dos fatores econômicos, Anna também destaca os fatores ideológicos para a saída da URSS, ou seja, os temores e as incertezas do que poderia acontecer no processo de transição do socialismo para o capitalismo. Como ela reiterou constantemente se imaginava que as chamadas “questões dadas” (saúde, educação, moradia, etc.) eram conquistas imutáveis, porém com a proximidade da transição esta percepção caiu por terra. Cabe ressaltar também que durante todo o período da Guerra Fria o Ocidente procurou de todas as formas passar para o mundo socialista a imagem do capitalismo como um sistema de sucesso, com plena liberdade e boas condições de vida para todos. No seu verso, e, sobretudo no ex-bloco socialista, os problemas do desemprego, do desequilíbrio social e da desqualificação profissional demonstraram que este não era o “Fim da História”.

Assim, com o dinheiro que ambos haviam juntado, principalmente o que Oleg recebeu pela periculosidade do seu trabalho em território de guerra civil, começaram a planejar a sua saída da URSS. Em setembro de 1992 o casal de ucranianos ex-soviéticos desembarcaram no Aeroporto Internacional Salgado Filho em Porto Alegre, deixando para trás um país que já não era mais aquele onde viveram desde sempre. Perguntamos para Anna quais foram os fatores que levaram a sua escolha e a de Oleg pelo Brasil, mais especificamente Porto Alegre, considerando esse contexto de mudanças abruptas no seu país:

A tia avó dele [Oleg] veio pra cá com o tio avô em 19[...] se não me engano... acho que antes da Grande Guerra Patriótica, em seguida depois da Revolução, ou até um pouco antes... vieram pra cá, pra Porto Alegre [...] O neto dele, no caso, seria o primo de segundo ou terceiro grau do Oleg, ele fez se não me engano PUC, pedagogia ou língua portuguesa, uma coisa assim. Depois descobriram que ele tava em contato com um pessoal por parte do pai do Oleg, porque essa tia avó antes de casada o sobrenome dela era Savitskii. Bom, e aí entraram em contato... daí essa abertura da União Soviética... e isso é uma coincidência daquelas. Porque o Oleg estudou português na faculdade e trabalhou em Angola [...] Aí a gente começou a se corresponder e tudo e dissemos pra ele que a ideia era ir pra um país de língua

²⁰⁴ GRANADOS, Javier. Ucrania, un estado y dos civilizaciones. In: *UNISCI DiscussionPapers*, nº 14, Mayo / May, 2007. p. 156.

inglesa no caso... claro, que aí entra pra ti esse imaginário [...] que é Estados Unidos.²⁰⁵

Anna sublinha que a língua foi um fator importante, pois tanto ela quanto Oleg eram fluentes em línguas estrangeiras, dada a sua formação. Por isso, migrar para um país de língua inglesa era uma possibilidade em aberto, porém Anna reavalia esta ideia dentro do espectro de uma visão que se tinha dos Estados Unidos na época, frente à dissolução da URSS. Como Oleg tinha parentes estabelecidos em Porto Alegre, que segundo Anna eram de uma geração que migrou da Ucrânia antes da Revolução Russa, isso acabou se tornando um fator de atração para um possível destino de assentamento. O casal não conseguiu o visto para o país pelo consulado brasileiro na ex-URSS, e assim tiveram que viajar primeiro para a Holanda, onde tinham alguns amigos, perto de Utrecht, e dentro de três semanas conseguiram emitir o visto para o Brasil por Rotterdam.²⁰⁶

Próximo ao término de nossa última entrevista Anna fez uma reflexão sobre estes mais de vinte anos que vive no Brasil, onde teve que reconstruir a sua vida, e, também, das turbulentas décadas finais da URSS, que precipitaram a sua dissolução nos últimos anos do século XX:

O Brasil eu também agradeço sempre... [vou] eternamente agradecer... ele me possibilitou de ver o meu país com outros olhos sabe... de longe... não é saudosismo nada. O que na verdade... a Perestroika de jeito como começou, com essa avalanche das coisas... eles já começaram errado... eu não tenho nenhum pouco de saudosismo da época da Perestroika.²⁰⁷

Por fim, essa sua última reflexão é também uma última síntese daquilo que buscou recompor sobre a sua trajetória de vida, isto é, as memórias que foram para ela mais significantes e que, portanto, tem o seu significado realçado. Por outro lado, à distância, não meramente física – pelo óbvio do deslocamento – mas da experiência migratória enquanto um processo que a acompanha e que reflete as suas reavaliações do passado – o seu “eu”, a sua identidade, a sua época, aquilo que viu, ouviu, sentiu, riu, esqueceu.

²⁰⁵ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista III...*

²⁰⁶ Cf. Anexos.

²⁰⁷ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista III...*

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso, muitas vezes eu digo, a União Soviética não perdeu, não perdeu, de jeito nenhum para os Estados Unidos... se for, e se é ideia, a União Soviética perdeu para o ser humano.

Anna Savitskaia²⁰⁸

A última parte do século foi uma nova era de decomposição, incerteza e crise – e, com efeito, para grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa, da catástrofe [...] Contudo, como talvez os historiadores queiram lembrar aos especuladores metafísicos do ‘Fim da História’, haverá futuro. A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história

Eric Hobsbawm²⁰⁹

Embora a URSS não exista mais, o que comumente poderia ser colocado em termos de “virou história” – ou para os seguidores do “Fim da História” o ponto final das ideologias do século XIX – sublinhamos no início de nossas discussões que o seu entorno é um campo de disputas em aberto – bem como a compreensão da sua dissolução. Portanto, iniciamos estes últimos apontamentos com uma das frases de Anna que mais instigaram a nossa atenção. Uma reflexão sua sobre a queda da URSS que prontamente anotamos em nosso caderno de campo, analisamos, discutimos, transcrevemos e, agora, mais uma vez reproduzimos. Mas, não repetimos esta frase simplesmente por uma beleza estética do nosso texto, e sim por ser um exemplo dos contornos da reconstituição da memória de Anna, que tem o presente e a experiência migratória como aspectos fundamentais. Não obstante, também reflete os cuidados que a nossa análise deve ter.

A *História Oral* pode nos trazer memórias sobre acontecimentos, mas traz muito mais significados do que relatos factuais em si. Estes significados também não são um fim em si mesmo, correspondem a condicionamentos sociais e contextualizações que estão profundamente imbricados em sua expressão. Por isso, buscamos compreender as memórias construídas por Anna e os elementos que se tornaram mais significativos, a par de um campo de tensões, contradições, possibilidades e impossibilidades. Interpretar fontes é um processo de escolhas, ênfases, contextualizações, formas, etc., mas as fontes, no caso as fontes orais, também podem refletir escolhas, ênfases... Dentro da relação passado-presente. Por isso, nos coube compreender de que maneira se conta, e, também, perceber aquilo que não poderia ser “óbvio” e tomar a fonte como um todo.

²⁰⁸ Entrevista 3.

²⁰⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 15-16

Neste processo reconhecemos as temáticas. Percebemos aquilo que liga um assunto ao outro, e este reconhecimento foi essencial para a estrutura de nossa análise. O que chamamos, *grosso modo*, de “recuos” de Anna, por exemplo, é muito mais uma denominação para compreensão de sua narrativa, enquanto um estágio de busca de “significações”, do que um movimento cronológico propriamente dito. A necessidade de falar sobre acontecimentos que extrapolam o espaço-tempo de uma vida, como a *Grande Guerra Patriótica* – com uma margem de contextualização e articulação historiográfica – ou discutirmos a queda do *Muro de Berlim* antes do desastre de Chernobyl – o que se desvincula de um ordenamento cronológico – refletem justamente as especificidades e as perspectivas das fontes orais, bem como de seu método de análise e estudo. Caba ressaltar é claro, que este foi o nosso caminho e que de forma alguma é o único.

Tomando a fonte como um todo foi possível perceber tanto as recorrências quanto as expressões que sintetizam uma ideia ou tema. Tais questões estão articuladas entre si, de mesmo modo que refletem as condições de produção das fontes orais (relações, posições). As primeiras, no entanto, se aproximam mais das ênfases, ou aquilo que se quer dar uma maior relevância, enquanto que as segundas refletem uma espécie de “chave” para se compreender significados, percepções, tanto da época quanto de uma reavaliação do presente.

Foi recorrente nas falas de Anna a menção da *Grande Guerra Patriótica*, por exemplo. Não necessariamente quando tratávamos de temas ou assuntos iguais. A sua menção se fez presente quando nos contava sobre seus antepassados, que, de fato, vivenciaram este acontecimento, mas também em relação a sua frustração com o período *pós-Brejnev*, principalmente sobre os burocratas do PCUS – a *Nomenklatura* – e, posteriormente, quando a fase de reformas da URSS descaminha para uma crise, com expressões dramáticas como o desastre de Chernobyl. Como observamos a *Grande Guerra Patriótica* não é um fato isolado, que tem um início e um fim em si mesmo, pois além de refletir os diferentes elementos que constituem a memória, sejam eles vividos pessoalmente ou “por tabela”, também assumem uma posição política dentro de um quadro geopolítico específico. Não obstante, também está ligado ao caldo da cultura, das identidades e da formação de um “eu” em uma memória nacional.

Por outro lado, as expressões de síntese foram diversas, assim como também foram recorrentes. Resgatamos especialmente duas: “Não jogar fora a criança junto com a água do banho” e “questões dadas”. A primeira, como vimos, esteve ligada a “perda” e a experiência

migratória de Anna, utilizada tanto para a *Glasnost* quanto para a *Perestroika*, e, também, para acontecimentos em específico como a queda do *Muro de Berlim*. A segunda, não deixa de estar ligada a primeira, na medida em que estas questões se referem às conquistas sociais concretas do passado da URSS, como educação, saúde, moradia, etc. Doravante colocadas frente às reformas de Gorbachev, e a possível contradição destas com a visão de um “socialismo melhorado” – outra expressão recorrente.

Neste sentido, observamos os seus significados e sentidos, mas, por outro lado, também compreendemos como os produziu. Como dissemos, a partir das experiências vivenciadas, buscamos compreender como Anna “chegou” até as suas memórias sobre a dissolução da URSS. Mas como a *Grande Guerra Patriótica* nos mostrou o vivido não corresponde à única camada da memória. E além do que se pode ser “socializado” ou “herdado”, também existem os lugares ou as comemorações, que evocam uma memória coletiva, e as “memórias dos outros”, ou seja, aquilo que é até mesmo do espaço-tempo do sujeito, porém não diretamente pessoal.

Sob este aspecto a vida cotidiana, isto é, a memória do cotidiano, foi um ângulo privilegiado na reconstrução de sua trajetória, assim como dos significados produzidos em relação às questões que tocaram as décadas finais da URSS. Ainda sobre a produção de significados, a solução de “continuidade”, relacionada à percepção de tempo que Anna refletiu, foi outro aspecto relevante, que não deixa de estar ligado ao modo de vida e a cotidianidade: ir para a faculdade, estudar, trabalhar, fazer amigos, conversar com vizinhos.

Tais questões dialogam com a superação da caricatura da memória como um “almoxarifado do passado”, pois a relação desta com o presente, e, no caso de Anna, com a experiência migratória, são elementos fundamentais na composição daquilo que nos conta. As “questões dadas”, por exemplo, são tanto uma expressão do presente quanto do deslocamento, pois como Anna avalia o cotidiano e a continuidade do tempo não permitiam a percepção que ela tem hoje. De modo semelhante é a forma como busca explicar o “por que abraçou a *Perestroika*” – hoje vista por Anna como um dos fatores que possivelmente tem relação com a dissolução da URSS.

A reconstrução de sua trajetória contou igualmente com um processo de reavaliação deste passado, em que percebemos distintos ângulos expostos, críticas, explicações de significados e motivos. Constantemente nos vimos frente a uma crítica sobre o passado em que o ponto de vista do presente, daquele país que ficou para trás, ganhou destaque. Por outro

lado, o seu “lugar respectivo” ou, a necessidade de situar a sua formação social, o seu modo de vida em alteridade a outras sociedades, sobretudo as Ocidentais, reflete tanto as experiências vivenciadas neste outro lugar quanto as “antigas” e “novas” identidades.

Estas reavaliações refletem os sentidos de sua “perda”, tanto concreta quanto abstrata. Entretanto, não se quer revelar a sua “essência”, tampouco endossar uma “ilusão biográfica”. Pelo contrário, buscamos as suas multiplicidades, composições e deslocamentos. Assim, na posição daquele que ouve também cabe pensar no “tipo” de conhecimento que estamos buscando e produzindo, pois a testemunha não está no banco dos réus, e sim produzindo fontes. Neste percurso, a historicização e a problematização foram aspectos que nos levaram a compreensão, em grande medida, dos fatores levantados por Anna.

Por fim, estas considerações são finais apenas para esta análise, pois estão muito longe de serem para a vida de Anna ou de seu antigo país. A URSS deixou de existir para Anna assim como para milhões de ex-soviéticos, no entanto nenhum destes “virou história”, se despreendeu totalmente do presente, ficando isolado no passado. Muitas questões permaneceram em aberto e em movimento. Na trajetória de Anna nos deparamos com a interiorização de muitas delas e com os significados e reavaliações de um sujeito imerso em processos determinantes.

REFERÊNCIAS

Fontes:

SAVITSKAIA, Anna. Entrevista I [jun. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:21:52).

_____. Entrevista II [set. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

_____. Entrevista III [out. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (21:03).

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, César A. R. *Perestroika em curso: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo – USP

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História*, São Paulo, 14: 125-136, 1995.

BOSI, Ecléa em entrevista a Mozahir Salomão Bruck. In: *Dispositiva* v.1 n.2 nov.2012 / abr. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Ailusãobiográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

DOSSE, F. História do Tempo presente e historiografia. In: *Tempo e Argumento*, v.4, n.1, p.5-22, 2012. p. 12. Disponível em: <<https://bit.ly/2qe4gj0>> Acesso em 28 de março de 2018

FERRO, Marc. *A reviravolta da história: A queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRANCISCO, Alberto André Carvalho. *A política externa de Angola durante a Guerra Fria (1975-1992)*. Brasília: UnB (Dissertação de Mestrado), 2013.

GONZÁLEZ, Wenceslao S. *La reforma del calendario*. Las tentativas de transformar el calendario gregoriano. Cádiz, Espanha: eWT Editores, 2012. p. 46. Disponível em: <<https://bit.ly/2yzPqb4>> Acesso em 18 de setembro de 2018.

GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika – Novas Idéias para o Meu País e o Mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1987.

GRANADOS, Javier. Ucrania, un estado y dos civilizaciones. In: *UNISCI Discussion Papers*, nº 14, Mayo / May, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HILL, Christopher. *Lênin e a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KANAAN, Hanen S. O fim da história e o último homem (Francis Fukuyama). In: *PerCursos*, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2PntxoV>> Acesso em: 23 de junho de 2018.

KEYLOR, William R. *El mundo del siglo XX. La Guerra Fria entre las superpotencias*. Buenos Aires: Editorial Docencia, 1998

MANDEL, E; S, Wu; ROSSI, C.; ROUSSET, P.; LEW, R.A *China antes e depois de Mao*. Lisboa: Edições Antídoto, 1977.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1992.

MICHELENA, Jose Agustin Silva. *Crise no sistema mundial: política e blocos de poder*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NOVIKOVA Olga. La política de la memoria: moldearelpasado para construir lasociedaddemocratica (la URSS y elespaciopostsovietico). In: *Historia del presente*, Madrid, 2007, n. 9.

_____. Rusia, 1917. La revolucióndelpensamiento, la cultura y las emociones. In: *Nuestra Historia*, 4, 2017, p. 21-42.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 1, 1989, p. 3 -15. Disponível em: <<https://bit.ly/1OAe3U5>> Acesso em 28 de março de 2018.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 201. Disponível em: <<https://bit.ly/2qh1g5G>> Acesso em 28 de março de 2018

POMERANZ, Lenina. “Acabou a Perestroika?”. *Revista da USP*. São Paulo, n° 10, Jun/Jul/Ago 1991.

POWASKI, Ronald E. *La Guerra Fria. Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991*. Barcelona: Ed. Crítica, 2000.

REIS FILHO, Daniel A. O mundo socialista: expansão e apogeu. In: _____; FERREIRA, J.; ZENHA, C. *O Século XX - O tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras - Vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. 2006. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo – USP

ROSEMAN, Gary. The real estate market in Kiev: history and issues. In: *Real Estate Issues*, Summer, 2002, Vol.27(2)

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, 1997. p. 14 – 15. Disponível em: <<https://bit.ly/2AKxs7j>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

_____.Introdução.In. *Flavio Koutzii: Biografia de um militante revolucionário – De 1943 a 1984*. Porto Alegre: Libretos, 2017.

_____.O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. In: *Anos 90*, v. 4, n. 6, 1996. p. 184 – 185. Disponível em <<https://bit.ly/2JATtIw> > Acesso em 31 de outubro de 2018.

SEGRILLO, Ângelo. As Diferentes Fases da Perestroika Soviética do Ponto de Vista Histórico e da Economia Política, *Fronteiras: Revista de História*, v. 5, n. 10, p. 99-120, jul./dez. 2001.

_____. A Economia Armamentista da URSS. In: *Rússia, Ontem e Hoje: Ensaio de Pesquisadores do LEA Sobre a História da Rússia*. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

_____. A Questão do “Fardo” Da Agricultura Na Economia Soviética e Sua Influência No Desencadeamento Da Perestroika. In: *Estudos de História*, v. 5, n. 1, p. 169-189, 1998.

_____. *O declínio da URSS*. um estudo das causas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SUNY, Ronald Grigor. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. In: *Lua Nova*, São Paulo, 75: 217-228, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer (Org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2Dg1Dpj>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

_____. Reconpondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e memória. In: Projeto História, São Paulo, 15, abr. 1997. p. 57. Disponível em: <<https://bit.ly/2LzhQGM>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O século XX - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras - Vol. 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 195-225.

_____. Afeganistão: Obscurantismo, Drogas e Geopolítica. In: *Educaterra*, 2001. p. 1. Disponível em: <<https://bit.ly/2O7rSPR>>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

ZALLA, Jocelito; RUFATTO, Katani M. M. Sobre biografia e história: entrevista com Benito Bisso Schmidt. In: *MÉTIS: história & cultura*, v. 15, n. 30, 2016. p. 18. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5b4OO>> Acesso em 31 de outubro de 2018.

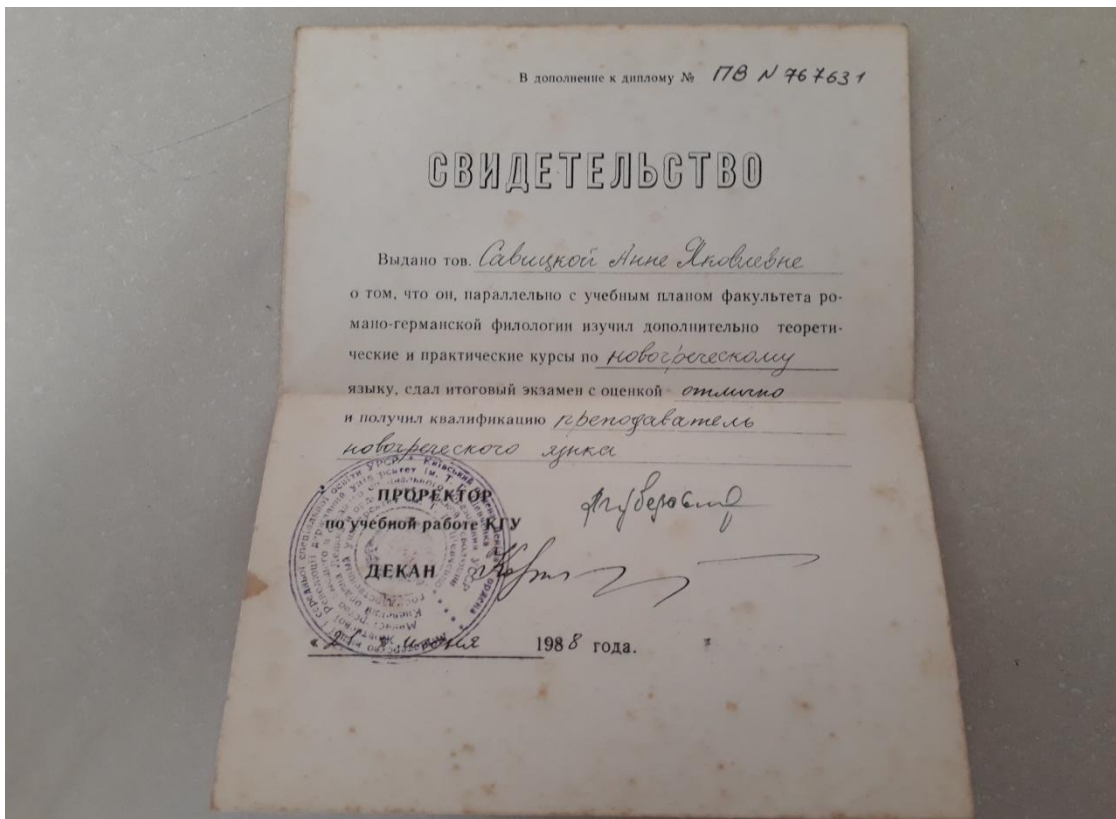
ZHURZHENKO Tatiana. Geopolitics of memory. In: *Eurozine*, 10 mai 2007, p. 6. Disponível em: <<https://bit.ly/2O6hB6p>>. Acesso em 18 de setembro de 2018

_____. Heroes into Victims. The Second World War in Post-Soviet Memory Politics. In: *Eurozine*, 31 out 2012, p. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/2JigM9O>> Acesso em 18 de setembro de 2018.

ANEXOS



Anexo 1 - Diploma de Línguas Romano-Germânicas, emitido em 11 de junho de 1988.



Anexo 2 - Formação complementar em Grego, emitido em 21 de junho de 1988

Приложение к диплому № 767631
ПБ

ВЫПИСКА ИЗ ЗАЧЕТНОЙ ВЕДОМОСТИ
(без диплома недействительна)

Савицкая Анна Яковлевна за время пребывания в
(фамилия, имя, отчество)

Киевском государственном университете имени Т.Г.Шевченко
с 1988 года по 1988 год и в названном университете
с 1988 года по 1988 год сдал экзамены и зачеты по следующим дисциплинам
специальности романо-германские языки и литература и специализации
филолог, преподаватель английского и немецкого языков, переводчик
английского языка

	Количество часов	
1. История КПСС	170	<u>хорошо</u>
2. Марксистско-ленинская философия	140	<u>хорошо</u>
3. Политическая экономия	140	<u>удовлетворительно</u>
4. Научный коммунизм	80	<u>хорошо</u>
5. Основы научного атеизма	24	<u>хорошо</u>
6. Психология	60	<u>хорошо</u>
7. Педагогика	80	<u>хорошо</u>
8. Введение в языкознание	68	<u>хорошо</u>
9. Общее языкознание	40	<u>хорошо</u>
10. Введение в спецфилологию	72	<u>хорошо</u>
11. Латинский язык	100	<u>удовлетворительно</u>
12. Русский язык	100	<u>удовлетворительно</u>
13. Украинский язык	72	<u>удовлетворительно</u>
14. <u>Английский</u> язык (основной)	1372	<u>отлично</u>
15. История основного языка	104	<u>хорошо</u>
16. <u>Немецкий</u> язык (второй)	780	<u>отлично</u>
17. История зарубежной литературы	288	<u>хорошо</u>
18. Спецподготовка	450	<u>хорошо</u>
19. Педагогическая практика	450	<u>отлично</u>
20. История русской советской литературы	36	<u>зачтено</u>
21. История украинской советской литературы ..	32	<u>зачтено</u>
22. Логика	36	<u>зачтено</u>
23. Методика преподавания иностранного языка..	60	<u>хорошо</u>
24. Введение в литературоведение	32	<u>зачтено</u>
25. География и история страны изучаемого языка	80	<u>хорошо</u>
26. Специальные курсы	204	<u>зачтено</u>

Anexo 3 - Histórico escolar de disciplinas, lado A

27. Советское право	40	зачтено
28. Технические средства обучения	18	зачтено
29. Физвоспитание	140	зачтено
30. История КПУ	18	зачтено
31. Основы марксистско-ленинской этики	16	зачтено
32. Основы марксистско-ленинской эстетики	18	зачтено
33. Переводческая практика		зачтено
34. Теория и практика перевода	68	зачтено


Савицкая Анна Яковлевна _____ защитил(а)
 дипломную работу на тему: Семантика прилагательных отрицательной
 эстетической оценки _____ с оценкой
 отлично _____.

Сдал(а) государственные экзамены по предметам:

1. Марксизм-ленинизм _____ удовлетворительно
2. Немецкий язык _____ отлично

гор. Киев " 21 " _____ июня 19 88 год.

Регистрационный № 49 _____

 _____
 Декан факультета _____
 Секретарь _____

Зак. 531, тир. 500, КГУ.

Anexo 4 - Histórico escolar de disciplinas, lado B



Anexo 5 - Visto de Turista expedido pelo Consulado-Geral de Rotterdam em 21 de agosto de 1992.



Anexo 6—Passaporte de Anna Savitskaia, emitido em 07 de agosto de 1991.

Entrevista com Anna Savitskaia. Porto Alegre, 31.07.2018. [ENTREVISTA 1]

- 1 – Fale um pouco sobre os seus pais. Quem era? O Que faziam? De onde eram?
- 2 – O que você se lembra da sua infância em Donetsk e depois em Kiev?
- 3 – Como foram os primeiros anos em Kiev? O que você se lembra da sua primeira casa?
- 4 – Por que você escolheu o curso de Línguas Romano Germânicas? Como eram os tempos da faculdade?
- 5 – Como você e Oleg se conheceram?
- 6 – Como foi para você a *Era Brejnev*? Qual a imagem que você tinha sobre o Secretário-Geral?
- 7 – Você se lembra da repercussão da morte de Leonid Brejnev?
- 8 – Como foi este curto período de Andropov e Tchernenko?

Entrevista com Anna Savitskaia. Porto Alegre, 06.09.2018. [ENTREVISTA 2]

- 1 – No fim da Era Brejnev, com a invasão do Afeganistão, quais eram os sentimentos em relação ao caminho do país? Sobre as lideranças.
- 2 – (Questão relacionada à entrevista anterior) Como você sentia a Guerra Fria? Existia um medo constante de um ataque? Uma “ameaça ocidental”?
- 3 – Como você observa a relação e posição da Ucrânia com a União Soviética?
- 4 – Você se formou em 1988, mesmo ano em que a URSS se retirou do Afeganistão, você lembra quais eram as conversas em família, com o Oleg que foi para a fronteira, sobre os motivos da guerra?
- 5 – Fale um pouco sobre o trabalho de tradutora militar. Divisão de trabalho. Quais eram as suas rotinas de trabalho?
- 6 – Qual a sua visão em relação à posição dos EUA na Guerra Fria? Qual a imagem que este país evoca em você?
- 7 – (Questão relacionada à entrevista anterior) Você tinha algum conhecido que entrou para o Politburo (PCUS)? As pessoas que eram do Politburo eram destacadas na sociedade? Tinham algo que as destacava (bens materiais, casas, viagens...)?
- 8 – Com a Glasnost, questões da Era Stalin e outras passagens da história soviética começaram a ser discutidas? Como eram essas discussões? Houve um debate público? Uma posição do Estado?
- 9 – Houve uma crítica ao passado e o reinício de uma campanha “antistalinista”? Você chegou a ler ou ter acesso a materiais críticos ao passado da URSS?
- 10 – O que você se lembra das eleições para o “Congresso de Deputados do Povo”? Você se lembra das diferentes “linhas” defendidas nas eleições? Favoráveis ou contrários às reformas?

Entrevista com Anna Savitskaia. Porto Alegre, 30.10.2018. [ENTREVISTA 3]

- 1 – Qual foi o significado da queda do Muro de Berlim para você?
- 2 – Qual foi o significado da queda do bloco soviético para você?
- 3 – Como estava a situação econômica durante a *Perestroika*? Qual a imagem de Gorbachev para você? Ela mudou?
- 4 – Por que vocês decidiram sair da ex-URSS? Vocês tinham algum plano? Quais eram os seus motivos?
- 5 – Como foi o processo de saída da ex-URSS?
- 6 – Por que vocês optaram pelo Brasil? Vocês pensavam em retornar?
- 7 – Como foram os primeiros tempos no Brasil?